

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

ESCOLA DE NEGÓCIOS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE COOPERATIVAS E
ORGANIZAÇÕES COMPLEXAS E PLURAIS - PPGCOOP**

FABIANNE ALLAGE Y RATZKE

**A INFLUÊNCIA DO COMPROMETIMENTO DOS EDUCADORES NO ALCANCE
DO PROPÓSITO DO PROGRAMA COOPERJOVEM**

CURITIBA

2024

FABIANNE ALLAGE Y RATZKE

**A INFLUÊNCIA DO COMPROMETIMENTO DOS EDUCADORES NO ALCANCE
DO PROPÓSITO DO PROGRAMA COOPERJOVEM**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Gestão de Cooperativas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Gestão de Cooperativas.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Quadros Weymer

CURITIBA

2024

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

A416i
2024

Allage Y Ratzke, Fabianne

A influência do comprometimento dos educadores no alcance do Programa Cooperjovem / Fabianne Allage Y Ratzke ; orientador: Alex Sandro Quadros Weymer. – 2024.

92 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2024

Inclui bibliografias

1. Cooperativas – Administração. 2. Cooperativismo. 3. Empreendedorismo. 4. Programa Cooperjovem. 5. Educação cooperativa. I. Weymer, Alex Sandro Quadros. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas e Organizações Complexas e Plurais. III. Título.

CDD. 20. ed. – 658.047

ATA DE APROVAÇÃO

Envelope eletrônico E8793FC1A-2060-48F4-9894-EAFF73F3CB2E

TERMO DE APROVAÇÃO

A INFLUÊNCIA DO COMPROMETIMENTO DOS EDUCADORES NO ALCANCE DO PROPÓSITO DO PROGRAMA COOPERJOVEM

Por

Fabianne Allage Y Ratzke

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas e Organizações Complexas e Plurais, área de concentração em Gestão de Cooperativas, da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

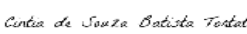

Prof. Dr. Alex Antonio Ferraresi
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas e
Organizações Complexas e Plurais


Prof. Dr. Alex Sandro Quadros Weymer

Orientador



Profa. Dra. Leila Andressa Dissenha
Examinadora


Profa. Dra. Cintia de Souza Batista Tortato

Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, amigo e parceiro de vida, por ter sido o meu primeiro e maior incentivador, mesmo sabendo que esse seria um tempo de dedicação, solidão e apreensão, no qual muitas e muitas vezes eu precisaria me isolar para poder dar o melhor de mim.

Ao meu filho Pedro, por ter compreendido as inúmeras vezes que não pude ir a um jogo de futebol, a uma apresentação da escola ou mesmo – simplesmente – não pude ocupar meu tempo dando atenção a ele.

Aos meus pais Odilon e Maris, que tanto se esforçaram para poder me dar uma educação de qualidade, além de me ensinarem o valor do respeito, da fé e da dignidade, que ajudaram a formar o meu caráter com seus ensinamentos cheios de simplicidade, mas repletos de amor e acolhimento.

Sem vocês, mesmo recebendo todas as titulações existentes no mundo acadêmico, eu não seria feliz, pois a minha primeira vitória é ter e fazer parte de uma família repleta de valores positivos e propósitos significativos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por oportunizar meu crescimento pessoal e profissional, me segurando em Seus braços de amor nos momentos de angústia e apreensão.

Ao SESCOOP Paraná pelo apoio financeiro e oportunidade de me dedicar a este trabalho.

Ao presidente José Roberto Ricken, por ser um grande incentivador da formação profissional e acadêmica dos técnicos do Sistema Ocepar.

Ao Superintendente Leonardo Boesche, meu primeiro gerente, que acreditou no meu potencial e me presenteou com o Programa Cooperjovem, que me fez despontar e despertou minhas melhores qualidades profissionais.

Aos meus gestores, Leandro Macioski e Henrique Xavier, pela compreensão e incentivo, por serem ponto de apoio, sempre com uma palavra amiga e bom humor para me ajudar a seguir em frente.

Aos coordenadores das cooperativas parceiras, que durante minha jornada no Programa foram fonte para meu crescimento e inspiração na minha busca incessante por fazer desse um Programa ímpar para o Cooperativismo.

Às minhas parceiras de mestrado e amigas de vida, Marina Balthazar e Cristiane Iung Rédua, que seguraram minha mão e sempre me acolheram com uma palavra de apoio e de empatia, me ajudando a ser otimista e persistente.

Ao meu orientador, Alex Sandro Quadros Weymer, pela dedicação incansável, pelo profissionalismo exemplar e pelo encorajamento constante. Por sua firmeza nos momentos necessários, sua solidariedade nos períodos desafiadores e por me acolher com empatia quando mais precisei. Por ser mais do que um professor: um amigo presente, um orientador comprometido, alguém que me inspirou a buscar a excelência, não apenas uma entrega. Agradeço por estar sempre ao meu lado, guiando-me com sabedoria e humanidade.

*“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime,
pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”*

Josué 1:9

RESUMO

Objetivo: Este estudo analisa a influência do comprometimento dos educadores no Programa Cooperjovem, investigando como seu engajamento contribui para alcançar os objetivos pedagógicos e formativos, e o impacto na formação de valores cooperativistas entre os estudantes. **Fundamentação Teórica:** A pesquisa baseia-se em teorias sobre educação cooperativa, comprometimento organizacional (afetivo, normativo e calculativo) e a metodologia do Programa Cooperjovem. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Modelo dos Três Componentes de Meyer e Allen (1991) oferecem suporte conceitual, possibilitando a análise dos tipos de comprometimento e sua relação com os indicadores de propósito. **Método:** A pesquisa é qualitativa, com um estudo de caso realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e grupos focais com educadores de uma cooperativa parceira. A análise de conteúdo foi feita utilizando o software Atlas.ti, organizando os dados em categorias relacionadas aos tipos de comprometimento e ao propósito do programa. **Resultados:** Os achados indicam que o comprometimento afetivo é predominante entre os educadores, caracterizado pela identificação com os valores do programa e uma disposição proativa. Observa-se uma contribuição significativa para a formação cooperativista dos alunos, reforçando a cooperação, a coletividade e o protagonismo. **Implicações Gerenciais:** Este estudo destaca a importância de se desenvolverem estratégias que mantenham os educadores comprometidos com o programa, oferecendo reconhecimentos que valorizem seu engajamento e resultados. O engajamento de toda a comunidade escolar, incluindo diretores e coordenadores, para apoiar e sustentar o programa, ampliando seu impacto e fortalecendo a cultura da cooperação na escola também é indicado, assim como a ampliação do Programa para outros níveis de ensino.

Palavras-chaves: Comprometimento, Cooperjovem, Propósito, Educação Cooperativa.

ABSTRACT

Objective: This study analyzes the influence of educators' commitment to the Cooperjovem Program, investigating how their engagement contributes to achieving pedagogical and formative objectives, and the impact on forming cooperative values among students. **Theoretical Foundation:** The research is based on theories about cooperative education, organizational commitment (affective, normative, and calculative) and the methodology of the Cooperjovem Program. The National Common Curricular Base (BNCC) and the Three-Component Model of Meyer and Allen (1991) offer conceptual support, enabling the analysis of the types of commitment and their relationship with the purpose indicators. **Method:** The research is qualitative, with a case study conducted through semi-structured interviews and focus groups with educators from a partner cooperative. Content analysis was performed using Atlas.ti software, organizing the data into categories related to the types of commitment and the program's purpose. **Results:** The findings indicate that affective commitment is predominant among educators, characterized by identification with the values of the program and an initiative-taking disposition. A significant contribution to the cooperative education of students is observed, reinforcing cooperation, collectivity and protagonism. **Management Implications:** This study highlights the importance of developing strategies that keep educators committed to the program, offering recognition that values their engagement and results. The engagement of the entire school community, including principals and coordinators, to support and sustain the program, expanding its impact and strengthening the culture of cooperation in the school is also recommended, as well as expanding the Program to other levels of education.

Keywords: Commitment, Cooperjovem, Purpose, Cooperative, Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Codificações de Propósito	37
Figura 2 Mudança Comportamental	39
Figura 3 Subcategorias de Mudança Comportamental	39
Figura 4 Relação entre comprometimento e mudança comportamental.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Obras que Citam o Modelo de Três Componentes Inspirado em Meyer e Allen	23
Tabela 2 Indicadores de Propósito.....	36
Tabela 3 Codificações de Comprometimento.....	42
Tabela 4 Apêndice A – informações sobre o grupo focal do estudo	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Aliança Cooperativa Internacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
C.VALE	Cooperativa Agroindustrial C. Vale
OCEPAR	Organização das Cooperativas do Estado do Paraná
Sescoop	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
PPGCOOP	Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas e Organizações Complexas e Plurais

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
1.1	Apresentação do problema de pesquisa	15
1.2	Objetivos da pesquisa.....	15
1.2.1	Objetivo geral	16
1.2.2	Objetivos específicos.....	16
1.3	Justificativa teórica e prática	16
1.4	Estrutura da dissertação.....	17
2.	QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	18
2.1	Educação cooperativa	18
2.2	Comprometimento.....	20
2.3	Programa Cooperjovem.....	24
2.3.1	O Propósito do Programa Cooperjovem	26
2.4	Base Nacional Comum Curricular	27
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1	Especificação do problema	29
3.1.1	Perguntas de pesquisa.....	29
3.1.2	Natureza da pesquisa	29
3.1.3	Entrevista semiestruturada	30
3.1.4	Preparação e Planejamento.....	30
3.1.5	Grupo Focal.....	30
3.1.6	Delimitação da pesquisa.....	31
3.1.7	Coleta e tratamento de dados.....	32
3.1.8	Facilidades e dificuldades de acesso na coleta de dados.....	33
4.	ANÁLISE DE DADOS.....	34
4.1	O Propósito do Programa Cooperjovem.....	34
4.2	Categorias analíticas <i>a priori</i> a partir da base teórica	36
5.	CONCLUSÃO	46
6.	IMPLICAÇÕES GERENCIAIS	49
7.	SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	49
	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICES	55
	ANEXOS.....	58

1. INTRODUÇÃO

O Programa Cooperjovem, objeto deste estudo, foi aprovado pela Resolução Sescoop nº 109, de 19 de junho de 2007, que o instituiu em nível nacional (Ocepar, 2009) e a partir de então começou a ser adotado pelas Unidades Estaduais do Sescoop. É um programa de educação cooperativista que forma professores do ensino fundamental, do 1º ao 9º ano de escolas públicas, particulares e cooperativas educacionais, a fim de aplicar a metodologia no contexto de sala de aula buscando atingir também toda a comunidade escolar.

O Programa leva para as escolas atividades educativas baseadas nos princípios e valores do cooperativismo (Melo, 2021a), disseminando a cultura da cooperação, além de contribuir com o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Ainda, apoia mudanças locais, pois com o Programa a cooperativa assume o compromisso de contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades onde atuam.

Uma das premissas do Cooperjovem é capacitar professores, dentro de sua metodologia, para que efetivamente viabilize a disseminação da cultura da cooperação, por meio de práticas que trabalhem os valores e princípios do cooperativismo, buscando uma sociedade mais próspera e justa para todos.

O Programa Cooperjovem, subsidiado por seus quatro eixos temáticos (educação cooperativista, financeira, empreendedora e ambiental), traz consigo essa nova realidade da escola. Ressalta o protagonismo dos educadores no desenvolvimento das atividades lúdicas e extracurriculares propostas pela metodologia do Programa no desenvolvimento de uma educação voltada aos princípios e valores do cooperativismo, vislumbrando uma transformação na educação.

Uma educação transformadora não acontece sem o comprometimento dos educadores, pois exige deles uma postura diferenciada, de forma a promover um crescimento plurilateral que possibilite um ambiente propício para que o aluno alcance um ensino transformador (Sena, 2021). E, quando se trata de crianças e jovens, é preciso pensar e propiciar a eles uma educação ao longo da vida, partindo-se do princípio de uma sociedade educativa, capaz de oferecer-lhes múltiplas formas de aprender, tanto na escola quanto em outros aspectos da vida, seja econômica, social, cultural, ambiental e financeira, pois é nesse mundo amplo e muitas vezes repleto de complexidades, adversidades, simbologias e oportunidades que esses alunos tornar-se-ão adultos (Delors, 2010).

A escola, ambiente onde interagem diretores, coordenadores pedagógicos, professores e alunos, precisa estar preparada para ser mais que uma simples estrutura de salas de aula, já

que seu papel não se restringe a transmitir conhecimentos, mas também deve se preocupar com a formação global dos alunos.

A educação para a cooperação é alvo de muitos estudos, cursos e palestras que preconizam que “a educação participativa oportuniza novos caminhos e novas formas de convivência” (Gawlak & Ratzke, 2010 pp. 9-10). Nesse contexto, o Cooperjovem pode ser considerado um programa de formação profissional e, justamente por isso, deve ser analisado como tal, sendo importante para este trabalho avaliá-lo sob duas perspectivas: comprometimento e propósito do Programa.

O propósito do Programa, de acordo com o descritivo metodológico e aplicado em âmbito nacional, é conscientizar crianças e jovens em idade escolar, a fim de que desenvolvam comportamentos mais cooperativos, pensando na coletividade e no bem comum, para que cresçam sendo protagonistas na construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera (Melo, 2021a).

O Programa também tem como propósito criar sentimento de pertencimento com a cooperação e, mais ainda, com o cooperativismo, visto que a aplicação do treinamento se dá através da parceria com cooperativas vinculadas ao Sistema Ocepar. Esse engajamento depende muito do educador que, assim como o palestrante ou instrutor de qualquer tipo de treinamento, tem um papel fundamental para que o propósito da metodologia seja alcançado de fato.

Assim, o alcance do propósito depende não só do desenho do Programa e de como ele está estruturado, mas também do educador que será o mediador entre a teoria e a prática da metodologia. Haja vista que é com o comprometimento desse educador que se garante que isso aconteça, ou seja, que o propósito seja cumprido e que a eficácia seja conquistada.

A partir do exposto, esse trabalho objetiva avaliar o alcance do propósito do programa sob a perspectiva do comprometimento, abrangendo os tipos de comprometimento e como cada um deles impacta no propósito do Programa, além de analisar qual a contribuição da metodologia para o processo de aprendizagem e de cooperação no ambiente escolar.

1.1 Apresentação do problema de pesquisa

A partir das considerações precedentes, pretende-se analisar neste estudo o seguinte problema: *Qual a influência do comprometimento dos educadores no alcance do propósito do Programa Cooperjovem?*

1.2 Objetivos da pesquisa

Com base no problema de pesquisa foram formulados os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo geral

Analisar como o comprometimento dos educadores do Programa Cooperjovem contribui para o alcance dos seus objetivos pedagógicos e formativos (propósito).

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as características do programa em relação aos seguintes aspectos: critérios de adesão e receptividade dos participantes, e metodologia de formação;
- b) Identificar os tipos de comprometimento predominantes nos educadores (afetivo, normativo e calculativo);
- c) Relacionar os tipos de comprometimento com os indicadores de propósito do programa.

1.3 Justificativa teórica e prática

Esta pesquisa propõe um trabalho que tem por objetivo apresentar os tipos de comprometimento de educadores e como eles afetam o desenvolvimento de um programa de educação cooperativa.

Justifica-se a escolha porque o Programa almeja que premissas baseadas em metodologias ativas, assim como aprendizagem lúdica e vivencial, sejam a base para o percurso formativo, de modo a orientar a adoção de princípios e valores cooperativistas na execução das atividades educacionais. Ademais, há também o intuito de demonstrar como o engajamento dos educadores é fundamental para o desempenho e execução da metodologia do programa.

O educador/professor é parte fundamental no processo de ensino e aprendizagem, de maneira que podemos afirmar que no Programa Cooperjovem não é diferente, ou seja, o comprometimento e engajamento daquele com o programa é que vai conduzir os alunos a trilharem o caminho da metodologia. Da perspectiva teórica, este estudo busca analisar a relação entre o comprometimento dos educadores e o propósito específico desse Programa, exclusivo do cooperativismo. Destaca-se o caráter pioneiro da pesquisa, uma vez que não há registros de estudos anteriores que abordem essa temática com público tão singular.

Ainda sobre a relevância teórica deste trabalho, cabe citar o embasamento pela BNCC, que é um documento oficial e normativo que define as diretrizes para o currículo da educação básica no Brasil. Utilizá-la como base teórica confere legitimidade ao estudo, pois fundamenta-se em um referencial reconhecido nacionalmente, garantindo que as análises e propostas estejam em conformidade com a legislação educacional vigente.

Busca-se, ainda, evidenciar de que modo a integração de um programa de educação

cooperativa aos conteúdos da educação formal, que visa legitimar experiências e vivências sociais em consonância com os valores defendidos pelo cooperativismo, pode expandir as possibilidades educacionais e fortalecer o papel da escola na comunidade. Tal integração fomenta iniciativas que contribuem para a transformação social, promovendo uma sociedade mais humanizada, socialmente justa e comprometida com a preservação ambiental (Melo, 2021a).

Em termos de contribuição prática, não foram encontrados outros estudos que buscam compreender a relação entre comprometimento e propósito, evidenciando quais são os elementos que demonstram o cumprimento de seu propósito, ou seja, que o programa está alicerçado em comportamentos colaborativos, que estimulam a prática da cooperação, a fim de se construir uma sociedade mais justa e equitativa para todos.

1.4 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está disposta em seis seções, sendo que a primeira delas traz a introdução que apresenta um breve relato do tema proposto. Em seguida, estão o problema de pesquisa e seus objetivos, assim como a justificativa teórica e prática, a finalidade da pesquisa e, finalmente, a estrutura do trabalho.

Na segunda seção está toda a fundamentação teórica que abrange educação cooperativa, comprometimento e o modelo dos três componentes, bem como um quadro com estudos de 2018 a 2023 que demonstra que essa teoria se mantém relevante, o Programa Cooperjovem, seu propósito e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Enfim, busca-se relacionar a base teórica de comprometimento com o propósito do Programa Cooperjovem.

A terceira seção trata da metodologia utilizada, com o detalhamento do problema de pesquisa, as perguntas norteadoras e definição das categorias de análise. Inclui-se nessa seção a finalidade e delineamento da pesquisa, seu método, dimensão temporal, definição do grupo pesquisado, bem como as fontes e o tratamento de dados coletados.

Na quarta seção é feita a análise dos dados teórico-empíricos do objeto de estudo e, na quinta seção, são exploradas as implicações gerenciais da pesquisa.

As considerações finais e recomendações de novos temas para futuros estudos estão na sexta seção.

O referencial bibliográfico, anexos e apêndices encerram esta dissertação.

2. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O referencial teórico está organizado em quatro seções (educação cooperativa, comprometimento, Programa Cooperjovem e Base Nacional Comum Curricular), as quais abordam os conceitos que fundamentam este estudo.

2.1 Educação cooperativa

O reconhecimento de que a prática da educação deve ser constante no cooperativismo já aparece nos Pioneiros de Rochdale, que entendiam que somente através dela que a comunidade poderia superar suas próprias dificuldades, preparando-se melhor para a vida e para o exercício da cidadania (Cenzi, 2009).

Cenzi (2009) ainda afirma que a educação é um imperativo para toda cooperativa, como forma e base para o seu desenvolvimento, e pode ser vista inclusive como condição de aplicabilidade de outros princípios e fator da sua vigência e eficácia (Namorado, 2005).

A educação, como forma de aprendizagem continuada, é um desafio que se apresenta às cooperativas, principalmente porque não se limita apenas ao campo de cooperados e colaboradores, mas lança-se em outras frentes, comprometendo-se também com a comunidade da qual a cooperativa e seus membros fazem parte (de Campos, 2003).

Quando se educa para o cooperativismo, inicia-se um ciclo de educação para a sociedade, para a cidadania, e isso é semeado desde os programas de responsabilidade social implantados pelas cooperativas, assim como pelos programas de educação como o Cooperjovem e A União Faz a Vida. Também existem programas de cumprimento a Lei da Aprendizagem e, extravasando para programas de educação continuada realizados com recursos advindos do Sescop, direcionados ao quadro social e laboral das cooperativas.

Com o objetivo de aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional, existem atualmente nas sociedades cooperativas muitas formas de aprendizagem continuada, inclusive com uma crescente expansão do ensino à distância. Nesse sentido, o cooperativismo vai em direção ao combate da desigualdade social, oportunizando às crianças e jovens acesso à educação e ao trabalho.

Essa educação formal faz parte do regimento do Sescop, que tem como missão organizar, administrar e executar o ensino de formação profissional; assistir as cooperativas na execução de programas de treinamento e na realização da aprendizagem contínua com o objetivo do desenvolvimento humano na sua plenitude; a melhoria da gestão do negócio cooperativo (Pinho, 2000).

O sentimento de pertença semeia talentos por meio da educação que, por sua vez, estimula a criação de vínculos e favorece a identidade cooperativista, possibilitando a perenidade do cooperativismo.

Na década de 1980, como uma inovação na educação, surgem as metodologias ativas, que emergiram como uma forma alternativa de que alunos e educadores saíssem do tradicionalismo e da educação passiva para entrar em uma nova fase, que colocava o aluno no centro do processo de aprendizagem, dando a ele protagonismo para exercitar sua autonomia intelectual, pensamento crítico e criatividade. Vislumbrou-se, então, que a educação e o aprendizado poderiam acontecer dentro ou fora da sala de aula, ou seja, não acontecem exclusivamente no ambiente escolar (Pereira & Beschizza, 2022).

As crianças e jovens devem ser observadas dentro de um contexto biopsicossocial, pois a aprendizagem está envolta por sensações, sentimentos e emoções que permeiam as suas vidas. Dessa forma, quando se estabelece uma relação de confiança entre professor e aluno, educador e educando, cria-se um ambiente de mútua confiança que abre caminhos para uma troca de experiência harmoniosa, o que resulta na interação saudável entre esses protagonistas e, consequentemente, promove o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem (Sena, 2021).

A educação centrada no aluno coloca o educador como impulsionador do desenvolvimento de um aprendizado mais eficaz e possibilita que revise suas práticas pedagógicas, buscando as melhores alternativas, e assim trazer um ensino qualitativo e inclusivo, pensando no aluno como um ser completo e não fragmentado só por estar no ambiente escolar.

Com a vinda das metodologias ativas houve também uma mudança no papel desempenhado pelo educador, ou seja, ele deixa de ser o único detentor e transmissor do conhecimento e passa a ser o condutor do aluno no seu processo de descoberta, pois é o educador quem deverá escolher as técnicas e ferramentas mais adequadas aos alunos com quem está trabalhando.

Nesse aspecto, o eixo de educação cooperativista trabalhado dentro do Programa Cooperjovem traz elementos de metodologias ativas que possibilitam que as crianças e jovens confrontem-se com problemáticas do mundo real e que, com a tutoria do professor, trabalhem de forma coletiva e cooperativa na busca das soluções para suas dificuldades.

2.2 Comprometimento

Ao se estudar a trajetória das teorias organizacionais quanto à compreensão dos determinantes do comportamento humano do indivíduo no ambiente de trabalho, observa-se uma proliferação de construtos subjetivos, na sua maioria de natureza atitudinal. Esses buscam elucidar o que o indivíduo traz consigo para a situação de trabalho e como processa psicologicamente os eventos que ali ocorrem (Bastos, 1993).

O comprometimento é objeto de muitos estudos que relacionam o comportamento do indivíduo com sua entrega na organização de trabalho a qual pertence e, quando se aprofunda na temática do comprometimento organizacional, percebe-se que alguns nomes se revelam como precursores, tais como Richard Mowday, Richard Steers e Lyman Porter, que foram os primeiros a examinar com mais detalhes essa teoria. Em 1979, eles publicaram um artigo seminal intitulado "The Measurement of Organizational Commitment" (A Medição do Comprometimento Organizacional), que se tornou um marco no estudo desse tema.

Uma das principais definições (Mowday et al., 1982) versa sobre: a vontade que o sujeito tem ao desenvolver suas atividades, bem como a lealdade com o sistema social; o relacionamento do sujeito com o modo pelo qual as metas da organização e do indivíduo se tornam integradas; a ligação entre a identidade do indivíduo e da organização por meio da resolução em sua atividade de trabalho; entre outros.

Dentro do estudo feito por eles (Mowday et al., 1979), consideram que o comprometimento organizacional pode ser verificado como uma atitude psicológica em que os membros de uma organização se identificam com ela e se comprometem com seus objetivos e valores, propondo então três componentes do comprometimento organizacional: normativo, afetivo e instrumental (Flauzino & Borges-Andrade, 2008).

Esses autores desenvolveram medidas para avaliar cada um dos componentes do comprometimento organizacional e conduziram pesquisas para investigar suas consequências nas atitudes e comportamentos dos funcionários, bem como no desempenho organizacional. Seu trabalho pioneiro lançou as bases para estudos posteriores sobre o comprometimento organizacional e sua importância nas organizações.

No Brasil, o comprometimento organizacional passou a ser estudado no final dos anos 1980, provavelmente pelo ritmo frenético de mudanças nas organizações, que fez com se acentuasse a necessidade do comprometimento das pessoas envolvidas na dinâmica do trabalho (Camargo & Júnior, 2018). Os trabalhos brasileiros que foram pioneiros nesses estudos são os de Borges-Andrade (1989) e de Bastos (1994).

O comprometimento começa a se destacar quando se percebe o indivíduo de forma multidimensional e passa-se a olhar para ele buscando uma maior compreensão de sua relação com o trabalho e as variáveis envolvidas nesse processo.

Quando o indivíduo se engaja na organização, a tal ponto de fazer renúncias por ela, demonstra um forte vínculo de ligação e um alto nível de comprometimento, fazendo com que o indivíduo permaneça na organização por mais tempo, dedicando a ela mais lealdade e energia (Silva et al., 2018).

Outros autores que se destacam nas pesquisas sobre comprometimento são os professores canadenses John P. Meyer e Natalie J. Allen, que começaram a desenvolver diversos estudos e realizar uma análise de variância com diversas escalas. Desenvolveram, nesse período, diferentes questionários para medir o comprometimento afetivo e o comprometimento de continuação ou instrumental e, em 1987, apoiados pelo trabalho de Yoash Wiener, de 1982, incluíram a dimensão normativa (Simon & Coltre, 2012).

Meyer e Allen (1997) desenvolveram um dos modelos que até então é considerado um dos mais aceitos e aplicados (Montresol & Weymer, 2018), denominado Modelo dos Três Componentes do Comprometimento Organizacional. Caracterizam as dimensões da seguinte forma: afetiva, quando o indivíduo se sente emocionalmente, ligado, envolvido e identificado com a organização; normativa, quando percebe um sentido ou dever moral de ficar (permanecer, continuar) na organização; e, calculativa, quando se mantém na organização pois reconhece os custos ao se desligar ou os benefícios em permanecer. Os autores ainda descreveram os estados psicológicos de cada uma dessas dimensões, sendo eles o desejo atribuído ao comprometimento afetivo; a obrigação atribuída ao comprometimento normativo; e, a necessidade ligada ao comprometimento calculativo (Montresol & Weymer, 2018).

Ainda, para elucidar cada dimensão, pode-se dizer que as pessoas estabelecem vínculos afetivos com a organização, vínculos de obrigatoriedade, ou seja, de permanecer na organização por motivos éticos ou morais, e vínculos calculativos que dizem respeito à permanência na organização em virtude de benefícios financeiros.

No aspecto **atitudinal/afetivo** (Mowday et al., 1979, 1982) definiram que o constructo vai além da noção da identificação do indivíduo com os objetivos e valores da organização, pois ele se manifesta e age de modo a dar algo de si mesmo para contribuir com o bem-estar da organização, caracterizando assim atitudes de lealdade e o desejo de permanecer na organização. Nessa definição, eles se concentraram em três dimensões: forte crença e aceitação dos valores e objetivos da organização; forte desejo de manter o vínculo com a organização; e intenção de se esforçar em prol da organização (Flauzino & Borges-Andrade, 2008).

O comprometimento afetivo pode ser considerado como um desejo de manter-se como membro da organização e complementa essa conceituação como algo que vai além de uma lealdade passiva, pois envolve uma relação ativa, na qual o indivíduo deseja dar algo de si próprio para contribuir com o bem-estar da organização (Moraes, 1997). Nesse sentido, há ainda uma projeção e identificação do indivíduo com a organização, com a consequente introjeção dos valores institucionais, assumidos como se fossem próprios do indivíduo (Cançado et al., 2006).

Além disso, também levantam a hipótese de que o comprometimento afetivo é mais forte entre os que sentem que fazem contribuições importantes para a organização, que as suas ideias são valorizadas e confiáveis, e que estão a trabalhar em um ambiente que lhes permite aumentar o seu sentido de competência (Allen & Meyer, 2000).

No enfoque **instrumental ou calculativo** há uma racionalidade maior do indivíduo, pois ele mensura quais os ganhos obtidos em ficar na organização e quais as perdas se optasse por deixar de fazer parte dela (Meyer & Allen, 1991). Assim, concebe-se o comprometimento como algo vinculado ao recebimento de recompensas ou custos associados por pertencer ou não à organização, ou seja, o indivíduo se mantém engajado e comprometido por avaliar que os custos associados a sua saída são mais altos do que os benefícios. Dessa forma, ele permanece na organização porque isso configura uma necessidade ou dependência (Flauzino & Borges-Andrade, 2008). De tal modo, o indivíduo tem uma percepção de que a organização oferece escolhas reais aos empregados, mesmo que de forma restrita.

Sabe-se também que Meyer e Allen desenvolveram dois questionários para que fosse possível distinguir entre comprometimento afetivo e instrumental: o *Affective Commitment Scale* - ACS, para medir o primeiro; e o *Continuance Commitment Scale* - CCS, para medir o segundo (Allen & Meyer, 1984).

Sobre a dimensão **normativa**, considera-se que indivíduos comprometidos exibem certos comportamentos porque acreditam que é certo e moral fazê-lo (Wiener, 1982). Pode-se observar, ainda, três indicadores que mostram um comprometimento normativo à organização: em que medida o indivíduo sente que deveria ser leal à sua organização, que deveria fazer sacrifícios em seu benefício e que não deveria criticá-la (Wiener, 1982).

Alguns indicadores de comprometimento normativo foram descritos por Simon e Coltre (2012), quais sejam a obrigação do indivíduo em permanecer na organização, o fato de achar errado deixar a organização (ainda que mais vantajoso), o sentimento de culpa caso a deixasse, a lealdade, a obrigação moral do indivíduo para com as pessoas do trabalho e o sentimento de dever, isto é, ter uma dívida para com a organização.

Para Allen e Meyer (2000), a hipótese sustentada é a de que o comprometimento normativo se desenvolve, principalmente, através do processo de internalização durante a infância. Ou seja, quando a família e/ou cultura proporciona experiências que reforçam a importância do compromisso com o empregador, provavelmente, o indivíduo terá um comprometimento normativo mais forte com a organização do que aqueles indivíduos que não estão expostos a tais experiências. Outra hipótese é a de que o comprometimento normativo pode se desenvolver em experiências dentro da organização e tornar-se mais forte à medida que a organização investe em um colaborador e ele se sente obrigado a retribuir.

O enfoque normativo geralmente advém da pressão exercida pela cultura organizacional, a qual conduz o indivíduo a agir e se comportar a partir de normas e regulamentos, assim como se faz presente uma forte sensação de cumprimento de dever com a missão, objetivos e metas da empresa (Wiener, 1982).

Neste trabalho foram referenciados os enfoques mais utilizados por diversos pesquisadores nos últimos anos e verificou-se que a conceituação de Meyer e Allen, perspectiva teórica que dá sustentação à pesquisa empírica a ser apresentada, ainda é relevante e contemporânea. Portanto, para esta pesquisa, foi selecionado o recorte epistemológico do modelo proposto por Meyer e Allen que faz a separação do comprometimento em três dimensões: afetiva, normativa e instrumental ou calculativa.

A Tabela 1 apresenta autores que referenciam Meyer & Allen em suas obras, destacando o estudo de comprometimento com o modelo dos três componentes.

Tabela 1

Obras que Citam o Modelo de Três Componentes Inspirado em Meyer e Allen

Lindomar Pinto da Silva, Miguel Angel Rivera Castro, Marcos Gilberto dos Santos, Pedro José de Lima Neto	Comprometimento no trabalho e sua relação com a cultura organizacional mediada pela satisfação	Revista Brasileira de Gestão de Negócios, 2018
Basel Al-Jabari, Issam Ghazzawi	Organizational commitment: a review of the conceptual and empirical literature and a research agenda	International Leadership Journal, 2019
Vanessa de Campos Junges, Vania de F. Barros Estivalet, Simone A. P. de Campos, Tarízi Cioccarri Gomes, Gabrielle L. de Avila Costa	Comprometimento organizacional e cooperativismo	FMC – Faculdade Metodista Centenário Santa Maria - RS, 2019
Cem Oktay Guzeller, Nuri Celiker.	Examining the relationship between organizational commitment and turnover intention via a meta-analysis	International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research, 2020
Karina Ferreira Cunha	Ética, comprometimento e educação: a percepção de gestores de escolas públicas no Brasil e em Portugal	Universidade Católica Portuguesa, VISEU, 2020
Luu Tien Dung, Phan Van Hai	The effects of transformational leadership and job satisfaction on commitment to	The Southeast Asian Journal of Management: Vol. 14: No. 1, Article 6.

	organizational change: a three-component model extension approach	
Fernando Soares de Medeiros	Relações entre valores organizacionais e comprometimento organizacional: um estudo em uma cooperativa de prestação de serviços médicos	Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Faculdade de Economia, Adm., Atuária e Contabilidade, Univers. Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.
Ana Paula Moreno Pinho; Valéria Araújo Furtado; Adaauto de V. Montenegro; Evalda R. da Silva de Oliveira	Comprometimento organizacional: mapeamento e análise sobre escalas validadas no Brasil	Revista de Ciências da Administração, 2021
Álvaro Tamayo	Valores organizacionais e comprometimento afetivo	Revista de Administração Mackenzie, 2022
Yu Jie	Employee commitment in virtual teams: state of the art and research directions	Clausius Scientific Press, Canada, 2023

Fonte: Autora (2024)

Conforme demonstrado na Tabela 1, alguns estudos atuais corroboram a importância da escala de Meyer e Allen (modelo de três componentes de 1991), de modo que ainda é válida mesmo que seja um pouco antiga. Ou seja, esses artigos demonstram a relevância contínua da teoria dos três componentes de Meyer e Allen em diversos contextos e áreas de pesquisa, destacando sua aplicabilidade em estudos contemporâneos sobre comprometimento organizacional.

Portanto, fica demonstrado que a teoria de Meyer e Allen ainda se faz atual e aplicável ao problema de pesquisa deste estudo.

2.3 Programa Cooperjovem

Justifica-se a inserção deste tópico como parte da fundamentação teórica, visto que o entendimento desse contexto é fundamental para que se compreenda a metodologia, tanto do Programa quanto deste estudo.

O Programa Cooperjovem se soma às boas práticas das cooperativas no que se refere aos princípios de educação, formação e informação (5º princípio), e interesse pela comunidade (7º princípio) (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, 2021).

Os Princípios Cooperativistas são as diretrizes mediante as quais as cooperativas colocam em prática seus valores e são fundamentais para a caracterização de uma cooperativa. São eles (Bialoskorski Neto, 2012):

- a) Adesão voluntária e aberta;
- b) Controle democrático dos membros;
- c) Participação econômica dos membros;
- d) Autonomia e independência;

- e) Educação, treinamento e informação;
- f) Cooperação entre cooperativas;
- g) Preocupação com a comunidade.

Assim, os princípios que representam a base e a essência de uma cooperativa são os mesmos desde então e guiam cooperativas ao redor do mundo, fazendo com que o cooperativismo cresça e se estruture.

Para o desenvolvimento deste tópico serão abordados o 5º e o 7º Princípios, e discorrem sobre: Educação, treinamento (formação) e informação; e, Interesse/ Preocupação com a Comunidade.

De acordo com o 7º Princípio – Interesse pela Comunidade – as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades por meio de ações e políticas aprovadas por seus membros. Nota-se, historicamente, que esse princípio pode ser considerado um dos primeiros praticados pelos Pioneiros de Rochdale, pois pretendiam melhorar a situação econômica da sociedade em que estavam inseridos.

Os valores éticos presentes na Declaração sobre a Identidade Cooperativa vêm das relações especiais que as cooperativas mantêm com suas comunidades, que vão além de uma mera relação econômica ou comercial. As cooperativas estão abertas aos membros das comunidades e estão empenhadas em ajudá-los a ajudarem a si mesmos (Alianza Cooperativa Internacional, 2015).

Para um melhor entendimento desse princípio, cabe dizer que a cooperativa assume uma responsabilidade social e preocupação com o próximo, o que fica evidente no fato de as cooperativas buscarem o benefício das comunidades em que atuam, bem como de seus associados.

[...] muitas cooperativas têm demonstrado uma notável capacidade de cuidar das pessoas e têm contribuído consideravelmente para os recursos financeiros e humanos de suas comunidades. Seguindo as melhores práticas de responsabilidade social corporativa, muitas cooperativas passaram a oferecer relatórios de responsabilidade social a seus associados. As cooperativas entendem que o desenvolvimento social sustentável requer a manutenção de uma relação harmoniosa entre o crescimento tangível e a resposta às necessidades e aspirações intangíveis da comunidade. Essa dimensão social do desenvolvimento sustentável é algo que o caráter único da cooperativa tem capacidade de alcançar (ACI, 2014, p. 94).

Conforme descrito pela ACI, as cooperativas podem incentivar o desenvolvimento das comunidades com ações e políticas aprovadas pelos membros. Ao trazer isso para a realidade paranaense, podemos citar o Programa Cooperjovem como uma das ações que pode ser adotada como prática do 7º Princípio do cooperativismo, tendo em vista que esse princípio faz parte do *ethos* das cooperativas. O Programa tem em sua essência o compromisso com uma educação

básica de qualidade, o que também está embasado no 5º Princípio (Educação, Formação e Informação).

De acordo com Melo (2021), o Programa Cooperjovem tem como grande propósito formar protagonistas na construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera, de modo a contribuir com a melhoria da qualidade da educação básica no Brasil.

O propósito do Programa, conforme descrito acima, está alinhado com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa propõe que a educação deve estimular valores e ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humanizada, socialmente justa e voltada para a preservação da natureza, bem como destaca o desenvolvimento da empatia e cooperação. Elementos esses que são trabalhados dentro da metodologia do Programa Cooperjovem.

Enfim, corroborando com o 7º Princípio, o Programa Cooperjovem reforça seu compromisso com uma sociedade melhor, praticando os valores de igualdade e equidade, dando protagonismo para meninos e meninas, comprometendo-se com a formação de cidadãos solidários, participativos, autônomos e comprometidos com um futuro socialmente mais justo, sustentável e democrático (Melo, 2021a).

2.3.1 O Propósito do Programa Cooperjovem

O Programa Cooperjovem possui abrangência nacional e sua aderência segue o princípio da livre adesão, ou seja, qualquer unidade estadual do Sescop poderá implantar o Programa se assim o quiser e tiver estrutura suficiente para acompanhar seu desenvolvimento.

De acordo com o Guia Metodológico, o Cooperjovem tem o “propósito de formar protagonistas na construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera” (Melo, 2021a).

Como o Programa está diretamente ligado à educação, houve a necessidade de que estivesse alinhado à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que expressa que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e voltada para a preservação da natureza”. Está alicerçado em quatro grandes eixos temáticos que norteiam as ações dos educadores junto aos alunos no decorrer do ano letivo em que o programa acontece na escola.

Os eixos nasceram com a intenção de solidificar a visão da educação que objetiva a transformação da sociedade. Os quatro eixos coexistem de forma interdisciplinar, são eles: educação cooperativista, educação empreendedora, educação financeira e educação ambiental.

2.4 Base Nacional Comum Curricular

Como parte do embasamento teórico, cabe ressaltar a importância da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) como a normativa que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagem, essenciais à educação brasileira.

A BNCC assume uma visão plural e integral do estudante, com o objetivo de promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno. Por isso, suas dez competências gerais compreendem as dimensões cognitivas e socioemocionais que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica, Infantil, Fundamental e Ensino Médio dos estudantes.

No Programa Cooperjovem essas dez competências são trabalhadas de maneira transversal, cabendo aos educadores aplicarem-nas dentro da metodologia, a fim de favorecer a experimentação do estudante em cada uma delas em momentos diferentes do aprendizado. É nesse ponto que o Cooperjovem reforça o seu compromisso com a educação fomentada pela BNCC (Melo, 2021a).

As dez competências gerais são parte fundamental da metodologia do Programa e, por isso, precisam ser destacadas:

- 1. conhecimento:** valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- 2. pensamento científico, crítico e criativo:** exercitar a criatividade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3. repertório cultural:** valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico cultural.
- 4. comunicação:** utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – bem como conhecimento das linguagens artística, matemática e científica para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5. cultura digital:** compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6. trabalho e projeto de vida:** valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7. argumentação:** argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8. autoconhecimento e autocuidado:** conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9. empatia e cooperação:** exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da

diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, cultural e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza.

10. responsabilidade e cidadania: agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Melo, 2021c pp 51)

A compreensão e a aplicação das competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são fundamentais para que o educador se comprometa com os princípios de uma educação equitativa e de qualidade, não apenas com a metodologia. O programa Cooperjovem oferece aos professores a oportunidade de trabalhar com essas competências dentro de cada componente curricular das disciplinas por ele ministradas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir das constatações da base teórico-empírica fundamentada pela literatura especializada sobre os conceitos de educação cooperativa e comprometimento, segue a metodologia desenvolvida neste trabalho, notadamente a partir de dois elementos principais: (i) especificação do problema de pesquisa e (ii) delineamento da pesquisa. A especificação do problema de pesquisa apresenta as perguntas que direcionam o trabalho de campo e o delineamento pauta-se no detalhamento da estrutura de investigação desta dissertação. A estratégia de pesquisa está definida como um estudo de caso de caráter qualitativo e explicativo, com utilização da técnica de análise de conteúdo para o estabelecimento de relação causal local.

Na pesquisa qualitativa o conceito de relação causal local é discutido principalmente por autores que trabalham com abordagens de estudo de caso e análise contextual (Flyvbjerg, 2012; Yin, 2015). Embora a expressão “relação causal local” não seja uma terminologia padronizada, ela pode ser entendida por meio de discussões sobre causalidade contextualizada. A ideia é que a causalidade depende inerentemente das condições locais e das interações específicas que ocorrem em determinado ambiente ou situação.

Ao usar uma relação causal local o pesquisador busca entender como e por que certos eventos ocorrem em um cenário específico, mas sem pretender que as conclusões sejam generalizadas estatisticamente para além daquele contexto particular. Em outras palavras, o foco está nas particularidades do caso e nas interações que produzem certos resultados dentro daquele ambiente específico, capazes de proporcionar generalizações analíticas ao invés de generalizações estatísticas.

A classificação supracitada é coerente com a proposta desta pesquisa, uma vez que no estudo de caso a relação causal local observa a interação entre diferentes fatores que levam a um evento ou a um resultado. Por exemplo, em um estudo de caso de uma escola que

implementa uma nova metodologia de ensino, o pesquisador poderia examinar como os relacionamentos entre professores, alunos e políticas escolares específicas afetam os resultados da nova metodologia.

Ante o exposto, conforme já mencionado inicialmente, este estudo possui dois elementos principais, quais sejam a especificação do problema de pesquisa e o delineamento da pesquisa, e que passamos a delimitar adiante.

3.1 Especificação do problema

Diante da proposta de convergência entre os conceitos precedentes nas referências teóricas, buscou-se investigar o seguinte problema:

Qual a influência do comprometimento dos educadores no alcance do propósito do Programa Cooperjovem?

O estudo teve como objetivo analisar qual o tipo de comprometimento de educadores do Programa Cooperjovem da cooperativa estudada, qual seja a C. Vale Cooperativa Agroindustrial, e como ele impacta no alcance dos propósitos do Programa que estão alinhados com as competências da BNCC.

3.1.1 Perguntas de pesquisa

- a) Quais as características do programa em relação aos aspectos: critérios de adesão, receptividade dos participantes e metodologia de formação?
- b) Quais são os indicadores para avaliação do cumprimento do propósito do programa?
- c) Quais os tipos de comprometimento predominantes nos educadores (afetivo, normativo e calculativo)?
- d) Quais os tipos de comprometimento e como eles se relacionam com os indicadores do Programa Cooperjovem?

3.1.2 Natureza da pesquisa

A pesquisa se caracteriza como qualitativa e explicativa, com análise de dados amparada pela base teórica.

As etapas para a pesquisa foram:

- a) Aplicação de entrevista semiestruturada;
- b) Utilização da técnica de Grupo Focal como instrumento para coleta de dados;
- c) Posterior análise de conteúdo, com o emprego do Atlas.ti - um software de análise qualitativa de dados que auxilia pesquisadores na organização e interpretação de

grandes volumes de informações não numéricas, como textos, entrevistas, transcrições, imagens, vídeos e dados multimídia, bem como faz a análise de forma sistemática e aprofundada.

3.1.3 Entrevista semiestruturada

Para o trabalho com o grupo focal foi elaborada uma entrevista semiestruturada.

O emprego da entrevista qualitativa para captar o ponto de vista dos respondentes é fundamental para que o pesquisador compreenda as narrativas que emergem entre o entrevistado e sua realidade. Esse processo permite uma compreensão aprofundada das crenças, valores, atitudes e motivações relacionadas ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos (Bauer, 2017).

A entrevista foi realizada com base em um roteiro semiestruturado, constituído por 19 perguntas norteadoras que serviram como guia para a condução do diálogo do grupo focal. Ele foi revisado tanto pelo orientador desta pesquisa quanto pela Analista de Desenvolvimento Humano do SESCOOP /PR que, atualmente, é responsável por coordenar as ações do Programa Cooperjovem no Estado do Paraná.

3.1.4 Preparação e Planejamento

Após a indicação dos componentes do grupo focal, foi elaborado um calendário de realização dos grupos e bloqueio de data junto aos educadores. Isso para que não houvesse faltantes e a quantidade mínima de pessoas permanecesse inalterada.

3.1.5 Grupo Focal

Em ciências sociais e humanas o grupo focal é caracterizado como um instrumento para levantamento de dados, sendo que o condutor do grupo não deve opinar nem se manifestar afirmativa ou negativamente. Desse modo, o condutor deverá concentrar suas interferências em fazer encaminhamentos que facilitem a troca, permitindo que a discussão flua, sempre lembrando que o trabalho com grupos focais é diferente de entrevistas em grupo, pois a ênfase está voltada à interação do grupo e não em perguntas e respostas entre o moderador e os integrantes.

A seleção de participantes é feita de acordo com o problema de pesquisa e em conformidade com alguns critérios pré-definidos, respeitando-se o fato de que as características em comum devem ser aquelas que os qualificam para a discussão central do problema de pesquisa. Disso será extraído o material discursivo e expressivo, de forma que o grupo deve ter

características homogêneas, mas com variação suficiente para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes (Gatti, 2005), sendo que o objetivo do estudo, no caso do Programa Cooperjovem, deve ser o primeiro referencial para a decisão de quais pessoas serão convidadas a fazer parte.

Ainda segundo Gatti (2005), os participantes devem ter algum tipo de vivência no elemento de pesquisa que os permita uma discussão em grupo com base em suas experiências cotidianas. Ou seja, o grupo focal é um conjunto de pessoas selecionadas por pesquisadores para discutir e comentar um tema específico – objeto de pesquisa – a partir de sua experiência pessoal.

O objetivo é fazer com que o grupo seja estimulado a discutir os pontos de vista de cada um sobre a problemática que está sendo analisada, tal por intermédio de um roteiro preliminar e flexível, com as questões que serão abordadas. Isso com a finalidade de captar conceitos, sentimentos, atitudes, crenças e reações que seriam imperceptíveis utilizando-se métodos como entrevistas ou aplicação de questionários. Mas, sugere-se que os participantes não recebam detalhes do roteiro exato para que não tragam ideias e conceitos pré-formados sobre o assunto.

3.1.6 Delimitação da pesquisa

O estudo teve como um dos critérios intencionais de escolha a Cooperativa C. Vale Agroindustrial, que é uma cooperativa agroindustrial com sede em Palotina (PR) e unidades nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraguai. O Programa Cooperjovem é uma das iniciativas de responsabilidade social que vem sendo realizado há 21 anos, sendo que nesse período quase 30 mil alunos passaram pelo Programa.

Para esta pesquisa foram definidos 4 grupos focais com os seguintes critérios intencionais de escolha:

- a) professores de escolas municipais;
- b) professores que participaram da metodologia do Programa Cooperjovem, pelo menos no ano de 2023;
- c) professores que são ou foram docentes do 4º ano do ensino fundamental;
- d) professores de escolas municipais diferentes, sem indicação de idade ou gênero;
- e) cooperativa parceira C. Vale.

Cabe ressaltar aqui que os grupos focais também foram formados por coordenadores pedagógicos e diretores, além dos professores. Isso com o propósito de que, dentre as pessoas

do grupo, tivessem também outros profissionais com vivência em sala de aula e com o ambiente escolar de um modo geral.

A inclusão de coordenadores e diretores justifica-se pelo fato de que um dos objetivos do Programa Cooperjovem é que sua metodologia ultrapasse os limites da sala de aula. Esses profissionais precisam apoiar e sustentar o Programa para que os educadores possam implantar a metodologia na forma exigida pelo Programa.

O emprego de mais de um grupo focal permite ampliar o foco de análise e atingir múltiplas condições que podem ser relevantes para o tema.

A C. Vale Cooperativa Agroindustrial foi a cooperativa parceira escolhida para indicar os professores para o grupo focal devido a dois importantes critérios: proximidade e bom relacionamento com o Sescop Paraná; e, tempo de qualidade na atuação junto ao Programa Cooperjovem, além do bom relacionamento com as Secretarias Municipais de Educação, o que facilita o acesso e a indicação dos grupos focais.

Desse modo, foi feito um primeiro contato por reunião virtual no dia 30 de abril de 2024, com a Gerência Interina de Assessoria de Qualidade e Comunicação da Cooperativa C. Vale, para explicar as intenções do trabalho com o grupo focal e solicitar autorização para efetivação *in loco*. Assim, as tratativas da cooperativa com as Secretarias de Educação deram início e foram concluídas em aproximadamente 30 dias, quando selecionaram as escolas parceiras para os grupos.

Após a indicação, fez-se contato com os municípios indicados, por vezes com a própria Secretaria de Educação, outras vezes com a coordenação pedagógica da escola, para explicar a metodologia a ser aplicada, bem como para informar sobre o sigilo da identificação dos participantes dos grupos e o objetivo do trabalho. Vale ressaltar que o trabalho para indicação dos professores participantes do grupo foi superior a duas semanas, visto que as escolas são pequenas e os entrevistados precisariam estar fora de sala de aula por, no mínimo, 3 horas.

Um representante da cooperativa esteve presente em todos os grupos, tendo atuado como respondente somente no primeiro.

Três grupos focais foram realizados nas escolas e um grupo foi realizado dentro da Secretaria de Educação.

3.1.7 Coleta e tratamento de dados

Na busca de evidências, o estudo utilizou-se de entrevistas semiestruturadas como forma de coleta de dados primários. Esses que, de acordo com (Creswell, 2017), são aqueles coletados diretamente pelo pesquisador com o propósito específico de responder às perguntas de pesquisa,

fator fundamental para garantir que a pesquisa esteja alinhada aos objetivos específicos do estudo, oferecendo informações mais ricas e detalhadas sobre o tema investigado.

Os dados foram avaliados por meio da análise de conteúdo, caracterizado por um conjunto de instrumentos de cunho metodológico que inclui o processo de codificação de dados e unidades de registro cujos fatores cruciais nesse processo são: a frequência com que aparecem as unidades de registro, escolhas de categorias de análise, a junção de categorias, seus significados e classificação, descrição e interpretação dos dados (Bardin, 2021). Ainda segundo a autora, os procedimentos também analisam o entrevistado sob uma perspectiva global, percebendo-o como sujeito e assim contemplando sua comunicação formal e informal, verbal e não verbal, postura e manifestações emocionais.

A análise de conteúdo foi feita com apoio do software Atlas.ti, de modo que se obtiveram as seguintes categorias teóricas: comprometimento afetivo, normativo e calculativo, e propósito do Programa Cooperjovem, considerando ainda a interpretação do sentido na fala dos entrevistados.

3.1.7.1 Etapas da coleta de dados

Entrevistas semiestruturadas com 4 grupos focais, conforme Tabela 4 (Apêndice A – informações sobre o grupo focal do estudo).

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, no período compreendido entre 11 e 13 de junho de 2024, e tiveram a duração de aproximadamente 02 horas, sendo posteriormente transcritas com utilização de software específico para agilizar a análise.

Após a transcrição, as falas foram separadas por grupo e elencadas de acordo com as categorias estabelecidas. Considerando a fundamentação teórica aplicada neste estudo, São elas: comprometimento afetivo, comprometimento normativo, comprometimento calculativo, educação e princípios cooperativistas e competências da Base Nacional Comum Curricular.

Os roteiros das entrevistas, assim como a metodologia empregada, constam no Apêndice B. As perguntas norteadoras da entrevista estão no Apêndice C deste trabalho.

3.1.8 Facilidades e dificuldades de acesso na coleta de dados

Como facilidade de acesso às informações, adquiridas por meio das entrevistas com os grupos focais, destaca-se o relacionamento próximo e de parceria entre SESCOOP Paraná e cooperativa, o que possibilitou a abertura para que este trabalho fosse realizado.

Outro ponto é o interesse da cooperativa no estudo, visto que foi o primeiro a ser feito com o Programa Cooperjovem no Estado do Paraná e com potencial para apresentar

informações importantes a respeito do comprometimento dos educadores com a metodologia apoiada pela cooperativa por mais de 20 anos.

Da mesma forma que a cooperativa apoiou o estudo, também as Secretarias Municipais de Educação se manifestaram favoráveis e facilitadoras nesse processo.

Quando se trata da dificuldade, cabe ressaltar que todos são professores da rede municipal de educação e cujas escolas possuem um quadro docente bastante enxuto. Isso significa que, para poderem se ausentar das atividades em sala, precisaram de um professor substituto para que não tivessem perda salarial. Por essa razão havia um número menor de participantes em alguns grupos.

4. ANÁLISE DE DADOS

Nesta parte do estudo procura-se cumprir o estabelecido no objetivo geral, bem como nos objetivos específicos. Esta seção apresenta a análise dos dados obtida por meio das codificações do Atlas.ti, sendo que serão apresentadas as considerações a partir do conteúdo das entrevistas semiestruturadas de 4 grupos focais, somando-se 27 entrevistados.

No total foram 4 documentos analisados separadamente e que se referem à transcrição das entrevistas realizadas com cada um dos grupos focais. Ao final da análise obtiveram-se 29 códigos e 02 redes, sendo elas a rede do comprometimento e a do propósito do programa.

Conforme mencionado, para analisar os dados foram criados dois grupos ou redes de códigos distintos: Propósito do Programa Cooperjovem e Comprometimento. Cada um deles possui suas próprias subcategorias.

4.1 O Propósito do Programa Cooperjovem

Quando se trata de Propósito, ampara-se na base teórica-metodológica (Melo, 2021a) que traz como propósito o de formar protagonistas na construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera e, assim, contribuir com a melhoria da qualidade da educação básica no Brasil.

Para que sejam formados protagonistas, que nesse caso são os alunos do Ensino Fundamental, se faz necessário que os educadores recebam ferramentas suficientes para trabalharem com eles durante as atividades em sala e extra classe. Assim, de forma a desenvolver, estimular e ampliar comportamentos que sejam favoráveis para a construção de uma sociedade mais colaborativa, consciente e próspera.

Nesse sentido, o Programa – em seu ciclo de aplicação – possui etapas que trabalham com conteúdos transversais, tais como: educação financeira, educação ambiental, educação

empreendedora e educação cooperativista. Em cada uma dessas temáticas o educador recebe insumos para aplicar conteúdo teórico e prático que incentivam o aluno no processo de ação – reflexão – ação, estimulando-os a vivenciar e experimentar a mudança comportamental e seus benefícios, sempre considerando a veracidade da comunidade na qual estão inseridos.

Em cada um dos eixos citados acima existem habilidades que precisam ser trabalhadas, isso a fim de que se invista numa educação que propague os valores para a construção de uma nova sociedade. A escola pode ser considerada um dos terrenos mais férteis para que plantemos as sementes da transformação que queremos ver no mundo (Melo, 2021c).

O olhar dos educadores para o alcance desse propósito precisa estar focado no trabalho ativo por uma mudança de visão e mentalidade sobre a educação. Lutar constantemente para criar e promover, coletivamente, uma referência nova que seja capaz de apoiar e influenciar mudanças na vida das crianças, de modo que essas possam ultrapassar os muros da escola e aplacar famílias e comunidades.

O eixo central é a educação cooperativista, pois entende-se que o cooperativismo é tão amplo que consegue se conectar com os saberes da educação empreendedora, financeira e ambiental. Os princípios universais e os valores do cooperativismo buscam, por si sós, desenvolver o que há de mais colaborativo no ser humano. A educação cooperativista está essencialmente voltada a uma educação transformadora. Além de desenvolver atitudes cooperativistas, ela também se compromete com o desenvolvimento da cidadania, do protagonismo e da autonomia dos estudantes (Melo, 2021a).

No contexto escolar, a educação cooperativista está comprometida com o desenvolvimento integral das crianças e jovens, encontrando no Cooperjovem uma oportunidade valiosa de formar pessoas que consigam cooperar, dialogar e empreender energia para se trabalhar de forma coletiva. Da mesma forma que o eixo de educação conversa com o Programa, o Cooperjovem está em perfeita sintonia com o modelo de educação defendido pela Base Nacional Comum Curricular que, neste trabalho, também nos ampara teoricamente.

A BNCC traz consigo dez competências (conhecimento; pensamento científico, crítico e analítico; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania) que foram elencadas nesta pesquisa como indicadores de propósito do programa.

As entrevistas semiestruturadas buscaram vislumbrar, além dos indicadores da BNCC, os comportamentos e atitudes preconizados pelo Programa e que indicam que o propósito de se desenvolver crianças e jovens comprometidos com a construção de uma sociedade mais consciente, colaborativa e próspera para todos, estava sendo ou não alcançado.

É importante ressaltar que o alcance dessa meta depende de como o educador se compromete em aplicar o aprendizado da metodologia em sala de aula, disseminando seu conhecimento para os alunos por meio de atividades, tarefas e conceitos que os façam refletir e agir, gerando a mudança comportamental esperada.

4.2 Categorias analíticas *a priori* a partir da base teórica

A análise realizada com apoio do Atlas.ti possibilitou a organização e sistematização de um conjunto de indicadores de propósito, com 16 códigos que estão apoiados no referencial teórico do Programa e na Base Nacional Comum Curricular.

Os 16 códigos de análise dos indicadores de propósito - definidos *a priori* com base na literatura e no programa de referência - estão listados abaixo, acompanhados de suas respectivas frequências e interpretações. Observa-se que os indicadores de propósito mais significativos, conforme o número de ocorrências nos discursos dos participantes, incluem: coletividade (47), mudança comportamental (42); cooperação (35); protagonismo e autonomia (31); colaboração (20), respeito (18), cultura digital (0) e repertório cultural (0), conforme demonstrado na Tabela 2 e Figura 1.

Tabela 2

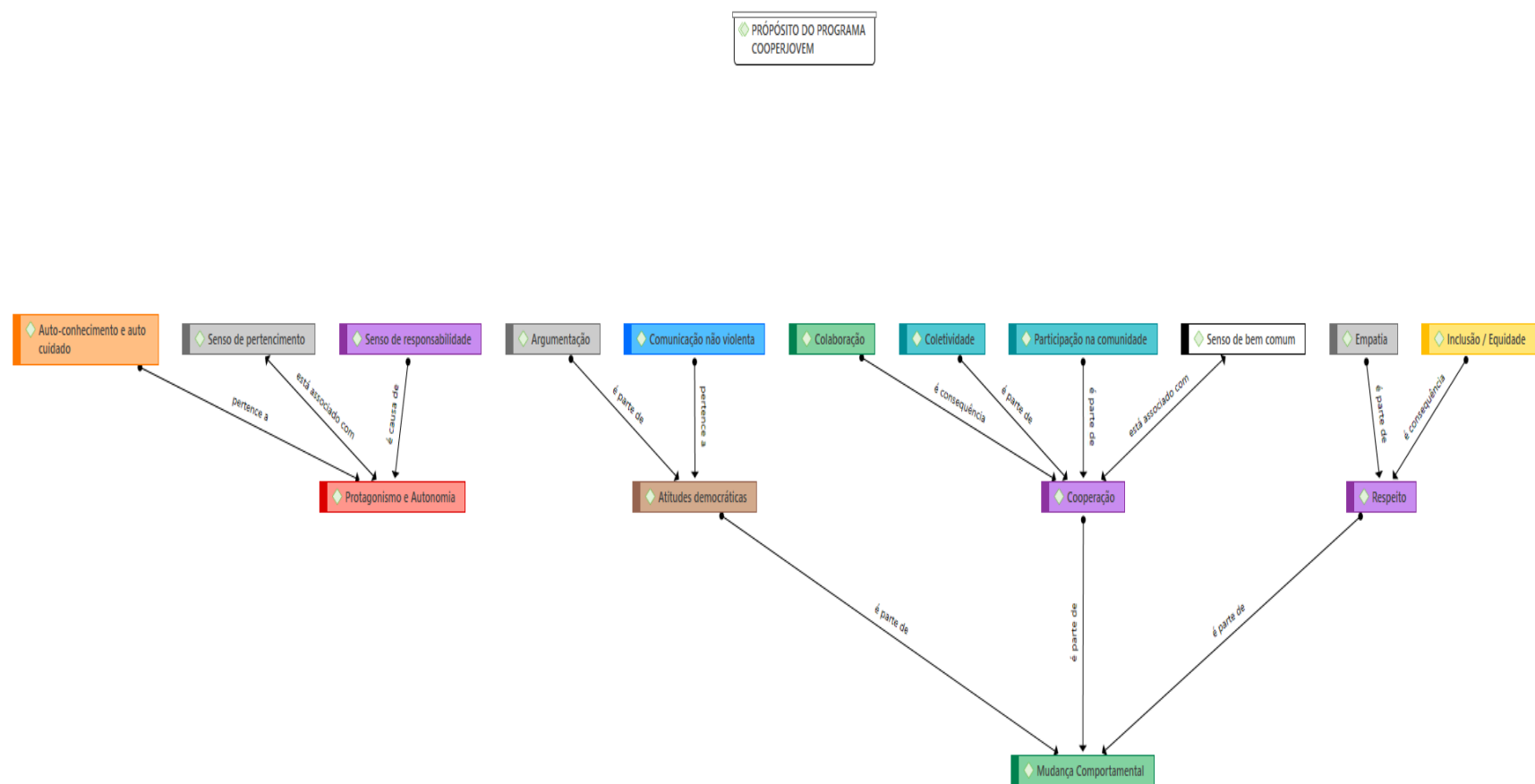
Indicadores de Propósito

Coletividade - 47	Inclusão/ equidade - 13
Mudança comportamental - 42	Atitudes democráticas - 11
Cooperação - 35	Senso do bem comum - 11
Protagonismo e autonomia - 31	Senso de pertencimento - 11
Senso de responsabilidade - 22	Autoconhecimento e autocuidado - 06
Colaboração - 20	Participação na comunidade - 06
Respeito - 18	Comunicação não violenta - 03
Empatia - 15	Argumentação - 02

Nota: As citações foram classificadas pela autora por códigos e categorias de análise (Saldaña, 2013) mediante o uso da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Fonte: Bardin (2011); Saldaña (2013).

Figura 1
Codificações de Propósito



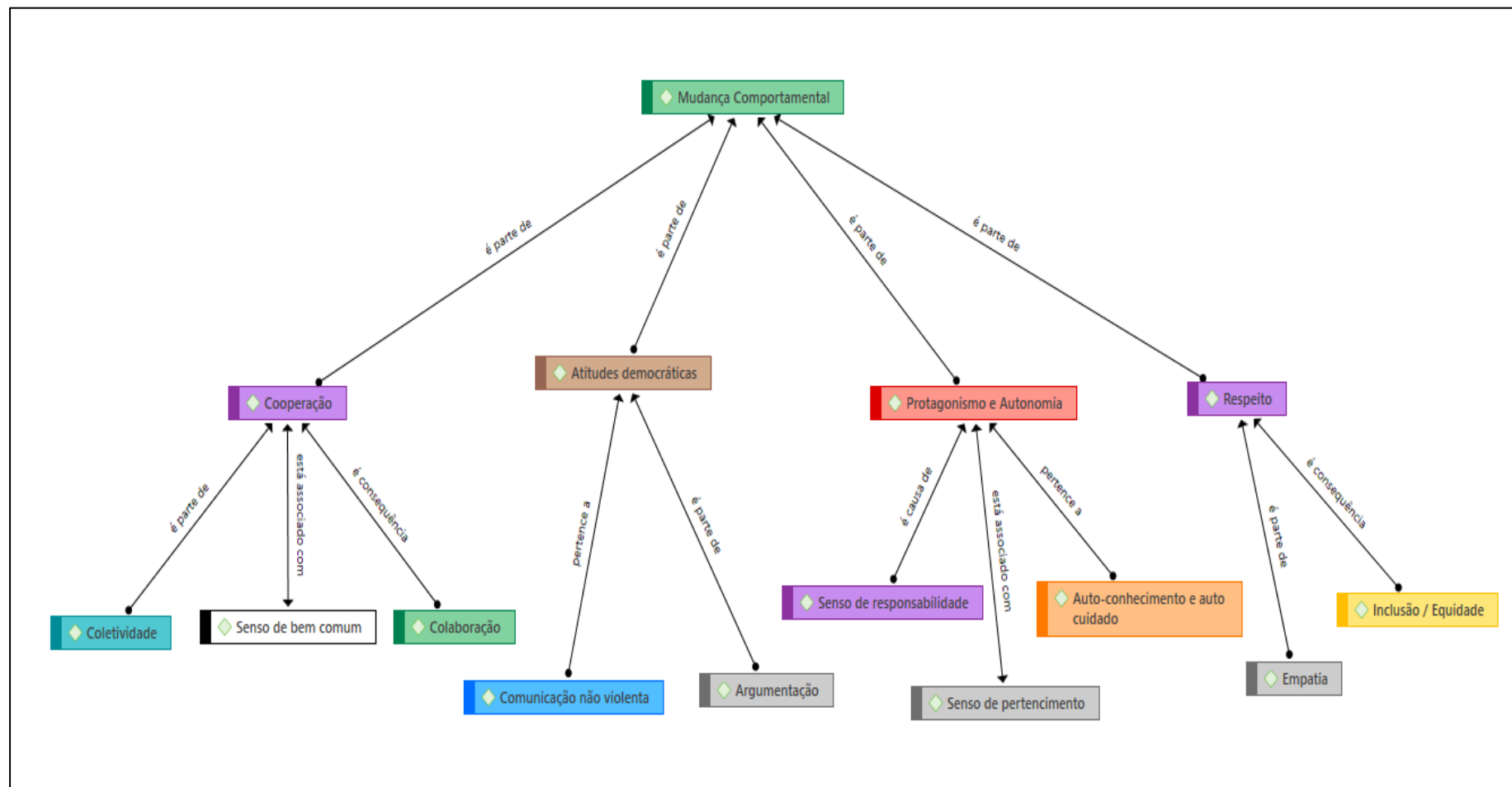
Fonte: Autora, base Atlas.ti (2024)

Na primeira rodada de análise foram descartados os indicadores cultura digital e repertório cultural, pois esses não apareceram em nenhum discurso dos entrevistados. O que pode ser considerado como conteúdo não trabalhado pelos educadores de forma expressiva.

Após essa primeira fase em que as entrevistas foram codificadas qualitativamente, optou-se pelo agrupamento de indicadores em subcategorias dentro da mudança comportamental (Figura 2). Tal visto que o propósito do programa se baseia em um novo modo comportamental dos alunos para que eles se tornem cidadãos mais solidários, participativos, autônomos e comprometidos com um futuro socialmente mais justo, sustentável e democrático (Melo, 2021a) .

Figura 2

Mudança Comportamental

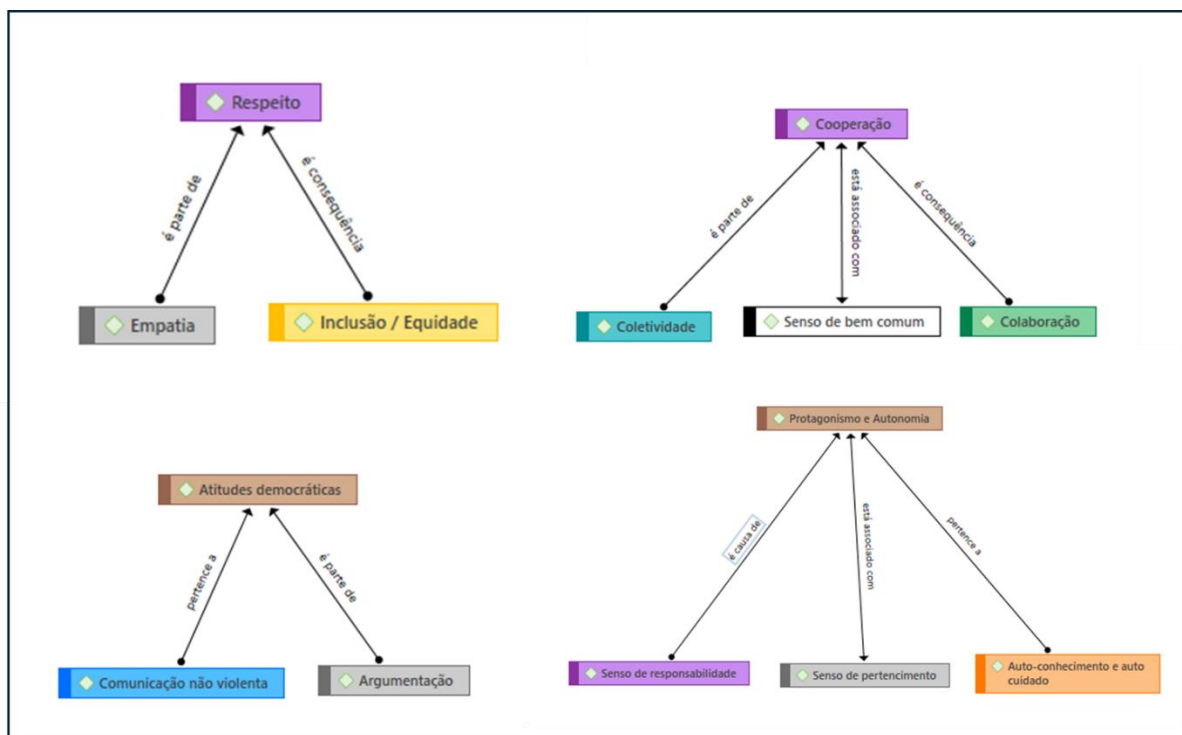


Fonte: Autora, base Atlas.ti (2024)

Para tornar esta análise ainda mais coerente e clara, foram separadas 4 subcategorias: cooperação, atitudes democráticas, protagonismo/autonomia e respeito, conforme demonstrado na Figura 3.

Figura 3

Subcategorias de mudança comportamental



Fonte: Autora, base Atlas.ti (2024)

A análise das codificações demonstra o cumprimento do propósito do Programa Cooperjovem, uma vez que os relatos dos entrevistados (educadores) indicam que a metodologia aplicada em sala de aula aborda efetivamente os aspectos fundamentais do programa. Esse resultado também é evidenciado pelas falas das professoras de Assis Chateaubriand e Palotina, que ressaltam a importância da cooperação e da coletividade, aspectos de grande relevância, conforme a codificação da Tabela 2.

- Trabalhar com eles (alunos), com a importância da cooperação dentro da sala de aulas, se colocar no lugar do outro, participar.
- Até que eu acho que influencia no desenvolvimento do trabalho em grupo, porque a gente orienta ainda de forma diferente, como cooperação, como é importante que o grupo coopere para todos. Na atividade coletiva, nossa mediação tem um olhar diferente, que tem como base o programa, então isso ajuda bastante também.
- Existe uma concordância entre a metodologia do Cooperjovem, são só falando de cooperação, de colaboração, respeito, mas com outras coisas que são importantes para a vida do educador.
- Então, quando o Sescop teve essa mudança de metodologia, alinhadas às normas da BNCC, isso veio agregar muito conteúdo, porque a partir de agora os alunos passam de ser espectadores do cooperativismo e passam a ser protagonistas. Eu tenho a dizer que essa nova metodologia foi muito importante porque isso leva a cooperação não só na sala de aula, mas na sociedade e na família.

- Eu acho, assim, que o resultado tem sido muito satisfatório, porque você vê que as crianças, elas realmente praticam a cooperação.
- Então, eles aprendem a trabalhar e a ajudar e a colaborar para que aquele com mais dificuldade não fique para trás, que vai e caminha junto com eles.

Os pressupostos do Programa sugerem que o propósito só poderá ser alcançado por meio de uma transformação comportamental, ou seja, que o aluno deixe de ser individualista e passe a agir de forma altruísta, que deixe de ser preconceituoso e passe a ser respeitoso, agindo de forma inclusiva, democrática e com empatia por aqueles que não tem a mesma condição (financeira, física ou mental). O propósito é ter um estudante que consiga se posicionar de forma argumentativa, se colocando como protagonista do seu próprio futuro, com autonomia e responsabilidade.

Dessa forma, ponderando-se os resultados obtidos nessa parte da análise, é possível concluir que, sob à luz do propósito, os educadores estão contribuindo com a formação do caráter desse novo ser, criança ou jovem, que tem a cooperação como sua essência mais profunda e que a carrega consigo por onde quer que vá, levando as experiências que teve para fora dos muros da escola, transformando o mundo ao seu redor.

Neste estudo, busca-se, inclusive, compreender qual o tipo de comprometimento mais expressivo entre os educadores do Programa Cooperjovem e que fizeram parte do grupo focal, sob as dimensões afetiva, instrumental/calculativa ou normativa, conforme a base teórica proposta por Meyer e Allen (1991).

Para a codificação no Atlas.ti obtiveram-se 3 categorias que condizem com o modelo dos três componentes (referencial teórico), sendo que cada tipo de comprometimento teve uma ramificação, cuja base conceitual está expressa a seguir.

De acordo com seu conceito teórico, o **comprometimento afetivo** é tido como o estado caracterizado por sentimentos ou reações afetivas positivas, tais como lealdade em relação a algo ao qual se associam intenções comportamentais específicas. No âmbito dos estudos sobre a relação indivíduo-programa, é tratado predominantemente como atitudes compostas pela dimensão afetiva, cognitiva e comportamental, conservando o significado de "engajamento", passando a significar adesão, forte envolvimento do indivíduo (Bastos et al., 1997). Com variados aspectos do Programa e de sua metodologia, dentro das codificações se enquadram em: autonomia do educador, satisfação pessoal, gratidão, sentimento de orgulho por pertencer ao Programa, identificação e apego aos valores do Programa que estão em congruência com os valores dos próprios educadores, engajamento (exercer esforço, dedicação, empenho em favor do Programa), envolvimento e dedicação.

Tamayo et al. (2000) argumentam que o comprometimento afetivo envolve uma relação ativa, na qual o indivíduo deseja dar algo de si próprio para contribuir para o bem-estar da organização. Para os autores, esse construto não-cognitivo representa mais do que uma simples lealdade passiva a uma organização, até mesmo podendo ser entendido como uma das razões que levam os educadores, no caso, a agirem para além das expectativas neles depositadas, fazendo mais do que a simples obrigação, dando de si uma entrega maior, com mais tempo dedicado exclusivamente ao Programa.

Enquanto o comprometimento afetivo fundamenta-se em comportamentos desejáveis, o **comprometimento calculativo ou de continuação**, como também é denominado, não apresenta correlação negativa com esses comportamentos (Maia & Bastos, 2011). Nesse tipo de comprometimento o indivíduo alimenta uma expectativa de troca, ganho ou benefício em permanecer no Programa (Bastos et al., 1997).

Por fim, no modelo dos três componentes (Allen & Meyer, 1991), há o **comprometimento normativo**, que pressupõe que o comportamento do indivíduo é conduzido de acordo com o conjunto de pressões normativas que ele assume internamente. O comprometimento, então, é um vínculo do trabalhador com os objetivos e interesses da organização, estabelecido e perpetuado por essas pressões normativas (Bandeira et al., 2000).

Diante do exposto, tem-se 3 tipos de comprometimentos que são considerados, então, as 3 categorias analíticas deste estudo, visto que os códigos encontrados evidenciam o peso de cada categoria na relação com o propósito. Conforme Tabela 3:

- a) **comprometimento afetivo**: 05 códigos e 106 ocorrências;
- b) **comprometimento calculativo**: 02 códigos e 07 ocorrências;
- c) **comprometimento normativo**: 01 código e 06 ocorrências.

Tabela 3

Codificações de Comprometimento

Afetivo	Calculativo	Normativo
Autonomia do educador - 04	Benefícios - 02	Obrigatoriedade - 06
Satisfação pessoal / gratidão - 31	Apoio financeiro - 05	
Entusiasmo / emoção - 27		
Dedicação - 33		
Escolha voluntária - 11		
Total = 106	Total = 07	Total = 06

Fonte: Autora (2024)

Meyer e Allen (1991, p. 67) sintetizam os conceitos da seguinte forma:

Empregados com um forte comprometimento afetivo permanecem na organização porque assim o **querem**. [...] aqueles cuja ligação está baseada no comprometimento instrumental continuam empregados porque **precisam**. [...] Empregados com alto grau de comprometimento normativo sentem que eles **devem** permanecer na organização

Pelo relato dos professores, pode-se constatar que nos municípios de Assis Chateaubriand, Palotina e Francisco Alves há uma suposição das Secretarias Municipais de Educação de que os professores que assumem as aulas do 4º ano do Ensino Fundamental aceitam também participar do Programa Cooperjovem. Ele é adotado automaticamente para essas turmas, o que pode ser considerado em consonância com a teoria, como um **comprometimento normativo**, uma **obrigatoriedade**, pois é algo imposto. Cabe aqui apontar que, de todos os 3 tipos de comprometimento, esse é o que aparece com menor relevância, tendo obtido somente 06 recorrências.

No entanto, ao ingressar na escola o professor pode escolher se quer permanecer no 4º ano com o Programa ou optar por outras turmas, como por exemplo, 5º ano do Ensino Fundamental, que não possui Cooperjovem e sim outros projetos. Dessa forma, constatou-se que os educadores preferem as turmas de 4º ano por toda a história que o Programa tem construído na escola e aceitam a imposição de já entrar na escola com um programa pré-selecionado, de modo voluntário.

Para corroborar essa afirmação, apresenta-se abaixo alguns trechos do discurso dos entrevistados:

- É, no começo do ano, se o professor pegar o quarto ano, daí fala-se: - olha, quarto ano nós temos o projeto cooperjovem, vocês vão querer trabalhar o projeto?
- É feito a pergunta, o diretor, as pedagogas chegam: vocês vão querer trabalhar esse ano o projeto?
- É um ato voluntário querer participar... É pelos alunos.
- É, a professora já participa mesmo pelo aluno. Ela não participa por ela mesma, nem pela escola, mas é pelo aluno. Porque é a esperança deles, é o momento que eles esperam pelo Programa.
- Nós que aceitamos trabalhar com o quarto ano, nós já aceitamos porque nós sabemos que tem o projeto, o programa para ser desenvolvido.
- Então, assim, eu já pego o quarto ano porque eu gosto do programa e eu gosto de desenvolver também todo o trabalho com eles, de passar essa positividade, esse anseio de como que vai ser, a expectativa.
- Se criou uma escolha e o professor que quiser o quarto ano, ele já sabe que vai ter que desenvolver o projeto, porque é no quarto ano, né?
- É uma questão da organização da escola. Então, é uma metodologia que a secretaria e a cooperativa escolheram que funciona.

Quando se trata de **comprometimento calculativo** entende-se que o professor avalia seus ganhos e perdas entre escolher ficar ou sair do programa, enxergando nele uma relação de troca. Obteve-se o total de 07 recorrências, somadas as subcategorias benefícios e apoio financeiro que, de acordo com os entrevistados, o Programa proporciona viagens de final de ano e premiações que são os ganhos que os professores têm em participar da metodologia.

E, por fim, encontra-se o **comprometimento afetivo**. Comparado aos outros, teve o maior número de citações (106), comprovando que esse é o tipo de comprometimento predominante nos educadores do Programa Cooperjovem, participantes dos 4 grupos focais estudados.

Partindo-se do pressuposto de que o comprometimento afetivo revela a identificação do indivíduo com as metas organizacionais, entenda-se aqui com o propósito do Programa, bem como a introjeção de seus valores, assumindo-os como próprios, há uma predisposição à desenvolver um sentimento de lealdade, desejo de pertencer e se esforçar pelo Cooperjovem (Bandeira et al., 2000). Tais dimensões foram mensuradas por meio de uma escala de atitudes, que são as codificações obtidas pela análise qualitativa de dados deste estudo, identificadas como: autonomia do educador, satisfação pessoal, gratidão por pertencer ao Programa, entusiasmo, dedicação e escolha voluntária.

Sob essa perspectiva, o indivíduo adota uma postura proativa, fundamentada na premissa de que ele está disposto a contribuir, dando algo de si, para a organização. Nessa ótica, o comprometimento organizacional traduz-se em um vínculo significativamente mais robusto com a organização, pois a dimensão afetiva é sustentada e consolidada por sentimentos de aceitação, crença, identificação e assimilação dos valores organizacionais (Bandeira et al., 2000).

Para consolidar essa conclusão e confirmar que há entre os educadores um sentimento de pertencimento e gratidão ao Programa, que estimula a criação de vínculos e favorece a identificação, não só com o cooperativismo, mas com a cooperação e muito além disso, com o Programa, o estudo traz algumas falas dos entrevistados que cancelam o tipo de comprometimento predominante no Programa:

- Não tem como medir, assim, tudo que a gente vê, tudo que a gente transforma na vida da criança, porque para alguns é tão pouquinho, tão pequenininho, mas a gente vê assim a diferença neles. Cabe ressaltar que o entrevistado fez o relato com demonstração de emoção, por meio de lágrimas e com a voz embargada.
- Comprometimento com o Programa significa doação na esperança de um desenvolvimento que cause mudanças no eu, no próximo e no mundo.
- Trabalhar com o Cooperjovem é uma doação de tempo, uma doação de amor, uma doação de esperança de você colocar no aluno, de você trazer o aluno, de você fazer o aluno enxergar aquela situação através dos seus olhos.
- A gratificação que a gente recebe desenvolvendo esse projeto é imensurável.
- Eu acho, assim, que o resultado tem sido muito satisfatório, porque você vê que as crianças, elas realmente praticam a cooperação.
- E quando o professor passa essa emoção, essa vontade, esse entusiasmo para os alunos, com certeza eles também desenvolvem o que o professor sente aí para desenvolver o programa.
- É um programa que motiva o professor.
- É você gostar daquele projeto, você se entregar para a realização daquele projeto.
- Tem que abraçar o projeto para se desenvolver.

Todas essas são manifestações explícitas de que o comprometimento que os professores

desenvolvem ao longo do Programa é afetivo, pois há dedicação, há lealdade para com os alunos, há expectativa de disseminar a cultura da cooperação na busca de uma sociedade mais equitativa e solidária para todos. Valores esses que vêm ao encontro do propósito do Programa, sem que o professor precise ter algum ganho ou seja obrigado a pertencer a ele.

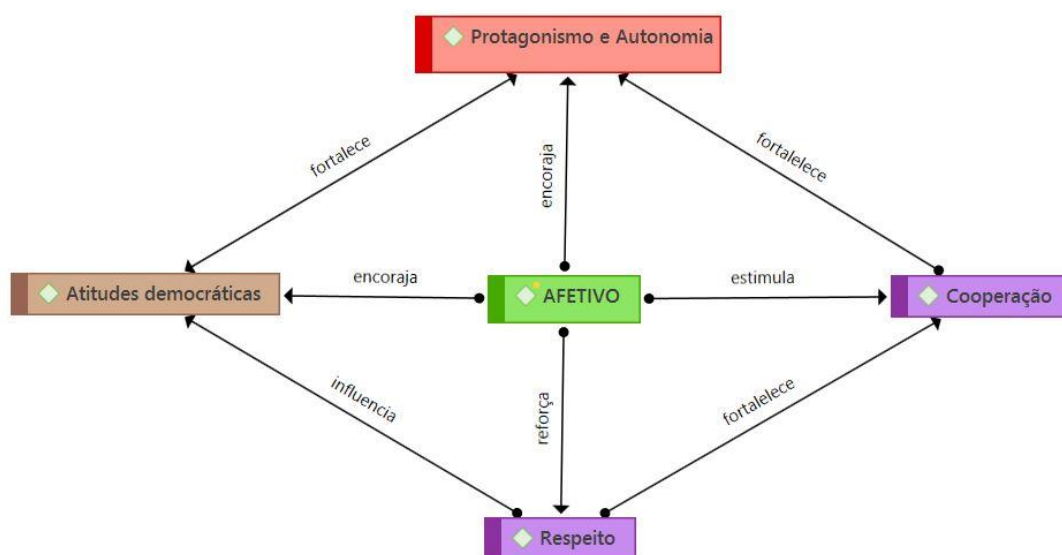
O comprometimento afetivo no contexto do estudo sobre o Programa Cooperjovem está diretamente relacionado às categorias analíticas mencionadas – cooperação, protagonismo/autonomia, respeito e atitudes democráticas – como desdobramentos práticos dos valores emocionais e de identificação dos educadores com o propósito do programa.

Conclui-se que o tipo de comprometimento mais importante e expressivo nesse processo de alcance do propósito é o afetivo, sendo que tem uma relação significativa com a categoria analítica de mudança comportamental.

Para elucidar essa afirmação foi criada uma última análise de redes, conforme demonstrado na Figura 4, relacionando o comprometimento afetivo com mudança comportamental em suas quatro subcategorias (cooperação, protagonismo/autonomia, respeito e atitudes democráticas).

Figura 4

Relação entre comprometimento e mudança comportamental



Fonte: Autora (2024)

O comprometimento afetivo incentiva a prática colaborativa entre educadores e alunos, promovendo uma cultura de ajuda mútua e interdependência. Educadores que se sentem

emocionalmente conectados ao programa tendem a enfatizar a importância da cooperação, criando dinâmicas de trabalho coletivo que estimulam o senso de coletividade nos estudantes.

Educadores comprometidos emocionalmente com o programa encorajam a autonomia dos alunos, promovendo o protagonismo em atividades que exigem criatividade e tomada de decisões. Isso está ligado ao fortalecimento da autoconfiança dos educandos e ao desenvolvimento de habilidades que os capacitam como agentes transformadores na sociedade.

O comprometimento afetivo ainda estimula educadores a promoverem o respeito mútuo no ambiente escolar. Esse valor é fundamental para criar um ambiente de inclusão e equidade, no qual os alunos aprendem a valorizar as diferenças e a praticar empatia em suas interações cotidianas.

Professores afetivamente engajados adotam práticas pedagógicas que incentivam a participação ativa e igualitária dos alunos nos processos de decisão. Esse comportamento reflete os princípios democráticos, fortalecendo nos estudantes a capacidade de dialogar, argumentar e respeitar as opiniões divergentes.

A conexão entre o comprometimento afetivo dos educadores e essas categorias analíticas se dá pela interiorização dos valores do programa, que se transformam em práticas concretas na sala de aula e na comunidade escolar, contribuindo para a mudança comportamental esperada no âmbito do Cooperjovem. Essa ligação é essencial para alcançar o propósito do programa de formar cidadãos conscientes, colaborativos e comprometidos com uma sociedade mais justa e equitativa.

5. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo demonstrar que tipo de comprometimento possuem os educadores do Programa Cooperjovem e de que maneira o propósito desse está sendo cumprido pelos professores que aderem ao Programa. Especialmente tendo em vista que a adesão é voluntária e seu critério nos municípios estudados é de que todos os docentes que optarem por ministrar aulas no 4º ano do Ensino Fundamental devem também fazer parte das formações na metodologia própria do Cooperjovem.

Tendo como referencial teórico o modelo dos três componentes (Allen & Meyer, 1991) que embasam o comprometimento, assim como o propósito do Programa pautado na BNCC e no próprio guia metodológico, considerou-se a inter-relação das categorias de análise com a fundamentação teórica para vislumbrar o impacto do comprometimento no contexto de um programa de educação cooperativista.

De acordo com os participantes dos quatro grupos (professores, coordenadores

pedagógicos, diretores e agente da cooperativa), observaram-se respostas muito positivas em relação ao Programa Cooperjovem. Isso foi notado principalmente em relação à proposta metodológica, à formação e ao que o Programa oferece de contribuição para uma educação inclusiva. Ainda, que tem contribuição para o despertar de um cidadão mais consciente, com um olhar voltado para o próximo, para um futuro com mais autonomia e protagonizando sua própria história.

A análise de conteúdo ocorreu a partir do relato dos participantes de quatro grupos focais que, pelo critério intencional de escolha, eram educadores com mais de um ano de experiência na metodologia do Programa Cooperjovem. A Cooperativa parceria também foi selecionada com base no critério de tempo de adesão ao Programa e acompanhamento de pelo menos 01 empregado da Cooperativa às formações obrigatórias. Por sua vez, a cooperativa indicou os municípios participantes.

Inicialmente, o questionário (Anexo I) estava composto por 23 perguntas norteadoras, que – numa segunda análise – foram lapidadas e reduzidas a 19 perguntas semiestruturadas que deram vazão ao diálogo aberto dos grupos.

Constatou-se na observação dos relatos que o Programa Cooperjovem desenvolve nas crianças e jovens um sentimento de responsabilidade e de pertencimento. Com sua metodologia sendo desenvolvida pelos educadores, consegue também transformar comportamentos individualistas em atitudes mais colaborativas, tendo a cooperação como um fio condutor dessas mudanças comportamentais.

Assim como a Base Nacional Comum Curricular, o Programa enxerga o estudante como um ser integral e, por isso, trabalha para que o seu desenvolvimento seja pautado na autonomia e no protagonismo. Isso com a finalidade de que esse aluno carregue consigo, mesmo depois de ter saído do Programa, os valores e princípios que internalizou durante o ano letivo em que passou pelo Cooperjovem.

Verificou-se que o Programa Cooperjovem está comprometido em colocar em prática o 5º princípio universal do cooperativismo (educação, formação e informação), colaborando com sua metodologia para que haja a disseminação do cooperativismo e da cooperação, estimulando o desenvolvimento das crianças e jovens mais cooperativos. O 7º princípio (interesse pela comunidade) também é colocado em prática, pois as cooperativas parcerias assumem o compromisso de contribuir com o desenvolvimento sustentável onde estão inseridas.

Todos os educadores que participaram da pesquisa passaram pela formação proposta pelo Programa e afirmaram que por meio dela foi possível mudar a sua forma de atuação em

sala de aula. Assim, de modo a levar para os estudantes um conhecimento mais aprofundado sobre os benefícios de uma mudança comportamental que favorece o trabalho em equipe (coletividade), o respeito ao próximo e ao diferente, a responsabilidade de cuidar do espaço escolar, respeitando as normas e cuidando, inclusive, da limpeza do ambiente.

O educador tem a possibilidade de, durante o percurso formativo, ter contato com técnicas e atividades que se empregadas durante as aulas auxiliam o aluno a enxergar seu papel na sociedade. Com os exercícios práticos incentivam o estudante a desenvolver atitudes democráticas e respeitadas, atitudes essas que são percebidas também fora da sala de aula, de acordo com os relatos observados.

A pesquisa apontou que o Programa está transformando a realidade das crianças, escolas, famílias e, conseqüentemente, da comunidade. Cada qual tem notado e participado dessas mudanças. Assim, pode-se afirmar que o Programa Cooperjovem tem conseguido atingir seu propósito de que os alunos que passam pelo Programa, estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, sofram uma transformação, uma mudança comportamental na busca de se tornarem protagonistas na construção de uma sociedade mais colaborativa e próspera e isso se dá pelo comprometimento dos educadores.

Logo, em resposta às perguntas norteadoras, verificou-se que o Programa pode ser considerado uma jornada de transformação na vida das crianças e de educadores.

Sob à luz da teoria do comprometimento, com o modelo dos três componentes (Allen & Meyer, 1991), pode-se afirmar que os educadores do Programa Cooperjovem e participantes deste estudo estão comprometidos afetivamente com o Programa, pois há uma identificação do indivíduo (educador) com a organização (Programa). Isso faz com que haja um forte vínculo entre eles (Mowday et al., 1979), visto que há uma ligação emocional (Allen & Meyer, 1997), entre o educador e o Cooperjovem e isso pode ser observado claramente na análise de conteúdo.

O Programa Cooperjovem é uma contribuição do cooperativismo na construção de um mundo melhor. Tendo em vista o engajamento da Cooperativa parceira deste estudo (C.Vale), pode-se afirmar que seus educadores estão desempenhando o importante papel de acreditar no futuro dessa nova geração de alunos, que traz consigo a esperança de um mundo melhor para todos, semeando, colhendo e espalhando a semente da cooperação, carregada de valores positivos que podem impactar toda uma comunidade que busca por mudanças significativas.

O estudo também vem para contribuir positivamente com a educação formal, pois insere o Programa dentro do calendário escolar e reforça o papel da cooperativa na formação de cidadãos com espírito cooperativista, corroborando com o envolvimento da comunidade na busca por uma sociedade com princípios éticos, de cooperação e de cidadania.

6. IMPLICAÇÕES GERENCIAIS

Espera-se que este estudo possa contribuir positivamente não só com a cooperativa em que os educadores foram estudados e sim com todas as cooperativas ditas parceiras do Programa, pois poderá trazer implicações construtivas para a solidificação do Programa Cooperjovem, demonstrando efetivamente que seu propósito corrobora com a qualidade da educação nas escolas onde ele é desenvolvido.

Averiguou-se que alguns respondentes já passaram pela formação quando tinham a função de docente nas escolas e hoje atuam em cargos de coordenação pedagógica e de diretores. Desse modo, recomenda-se que se crie um percurso formativo para esse público, a fim de que possam atuar junto aos educadores e apoiá-los em suas ações dentro do Programa.

Outra implicação gerencial é a possibilidade de que a Cooperativa possa expandir a inserção do Programa para outros níveis de ensino e, dessa forma, atingir ainda mais alunos e fazer crescer o número de crianças e jovens impactados pelos benefícios do Programa.

Sugere-se ainda incentivar os coordenadores do Programa nas cooperativas, junto com o Sescop Paraná, a criarem indicadores para mensurar o impacto do Programa nas escolas parceiras e acompanhar esses indicadores anualmente.

7. SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

A partir do trabalho aqui apresentado espera-se que haja continuidade de outras pesquisas científicas sobre o Programa Cooperjovem, visto que esta é pioneira e o Programa possui muitos campos que podem ser explorados e estudados para contribuir para sua sustentabilidade.

Uma dessas áreas é a pesquisa de impacto com os alunos egressos do Programa, que passaram por ele em alguma etapa de suas vidas e que hoje estão em outra escola ou até mesmo já são adultos, com o objetivo de comprovar que o Cooperjovem é algo que se leva para a vida, como disseram os educadores entrevistados.

Sugere-se também que a pesquisa possa ser replicada em outras cooperativas parceiras em regiões distintas do Estado, verificando também se o propósito tem sido cumprido e investigando o tipo de comprometimento de seus educadores, preferencialmente em escolas que possuam o Programa Cooperjovem em mais de um ano escolar.

Pode-se considerar, inclusive, que se faça um estudo de analogia entre o Cooperjovem e outro programa que também dissemina a doutrina cooperativista usando como ferramenta a educação, o Programa A União Faz a Vida a fim de comparação de resultados e os benefícios

que cada um deles oferece aos educadores e alunos impactados.

REFERÊNCIAS

- ACI. (2014). Notas de orientación para los principios cooperativos. Em *ACI. Alianza Cooperativa Internacional*.
<https://www.centrocultural.coop/blogs/cooperativismo/2017/07/09/aci-notas-de-orientacion-para-los-principios-cooperativos>
- Alianza Cooperativa Internacional. (2015). *Notas de orientación para los principios cooperativos*. [https://www.ica.coop/sites/default/files/2021-11/Guidance Notes ES.pdf](https://www.ica.coop/sites/default/files/2021-11/Guidance%20Notes%20ES.pdf)
- Allen, N., & Meyer, J. (1984). Affective Commitment Scale (ACS) . Em *American Psychological Association*.
- Allen, N., & Meyer, J. (1991). A three-component conceptualization of organizational commitment. *Human Resource Management Review*, 1(1), 61–89.
[https://doi.org/https://doi.org/10.1016/1053-4822\(91\)90011-Z](https://doi.org/10.1016/1053-4822(91)90011-Z)
- Allen, N., & Meyer, J. (1997). *Commitment in the workplace: Theory, research, and application*. Sage Publications.
- Allen, N., & Meyer, J. (2000). Construct validation in organizational behavior research: The case of organizational commitment. Em *Problems and solutions in human assessment* (p. 285–314). Springer US. [https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-1-4615-4397-8_13](https://doi.org/10.1007/978-1-4615-4397-8_13)
- Bandeira, M. L., Marques, A. L., & Veiga, R. T. (2000). As dimensões múltiplas do comprometimento organizacional: um estudo na ECT/MG. *Revista de Administração Contemporânea*, 4(2), 133–157. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552000000200008>
- Bardin, L. (2021). *Análise de conteúdo* (4ª ed). Edições 70.
- Bastos, A. V. B. (1993). Comprometimento organizacional: Um balanço dos resultados e desafios que cercam essa tradição de pesquisa. *Revista de Administração de Empresas*, 33(3), 52–64. [https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0034-75901993000300005](https://doi.org/10.1590/S0034-75901993000300005)
- Bastos, A. V. B., Brandão, M. G. A., & Pinho, A. P. M. (1997). Comprometimento organizacional: uma análise do conceito expresso por servidores universitários no cotidiano de trabalho. *Revista de Administração Contemporânea*, 1(2), 97–120.
<https://doi.org/10.1590/S1415-65551997000200006>
- Bauer, M. W. , G. G. (2017). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. (Vozes, Org.).
- Bialoskorski Neto, S. (2012). *Economia e Gestão de Organizações Cooperativas* (Atlas, Org.; 2.ed.).

- Botelho, R. D., & Paiva, K. C. M. de. (2011). Comprometimento organizacional: um estudo no Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. *Revista de Administração Pública*, 45(5), 1249–1283. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000500002>
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação.
- Camargo, M. L., & Júnior, E. G. (2018). Comprometimento organizacional: Um estudo nacional sobre o conceito e seu processo de desenvolvimento. *Revista Labor Fortaleza*, 96–114.
- Cançado, V. L., Moraes, L. F. R. de, & Silva, E. M. da. (2006). Comprometimento organizacional e práticas de gestão de recursos humanos: O caso da empresa XSA. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 7(3), 11–37. <https://doi.org/10.1590/1678-69712006/administracao.v7n3p11-37>
- Cenzi, N. L. (2009). *Cooperativismo: Desde as origens ao projeto de lei de reforma do sistema cooperativo brasileiro*. Juruá Editora.
- Creswell, J. W. , & C. J. D. (2017). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (Sage publications, Org.).
- de Campos, M. C. (2003). *Pensamento Cooperativo*.
- Delors, J. (2010). Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI . Em *UNESCO*.
- Flauzino, D. P., & Borges-Andrade, J. E. (2008). Comprometimento de servidores públicos e alcance de missões organizacionais. *Revista de Administração Pública*, 42(2), 253–273. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0034-76122008000200003>
- Flyvbjerg, B. (2012). Five misunderstandings about case study research, corrected. *Qualitative Research: The Essential Guide to Theory and Practice*. Routledge, 165–166.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas* (Liber Livro Editora Ltda, Org.).
- Gawlak, A., & Ratzke, F. A. Y. (2010). *Cooperativismo Primeiras Lições* (4ª ed.). SESCOOP.
- Maia, L. G., & Bastos, A. V. B. (2011). Comprometimento calculativo e retaliação: Visão integrada dos conceitos em uma organização pública. Em *Revista de Administração Da Universidade Federal de Santa Maria*.
- Melo, E. R. B. de. (2021a). *Guia do educador fundamental I - Programa Cooperjovem: Vol. v.I* (1ª ed.). Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.
- Melo, E. R. B. de. (2021b). *GUIA DO EDUCADOR FUNDAMENTAL I - Programa Cooperjovem: Vol. v.I* (1ª ed.). Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.

- Melo, E. R. B. de. (2021c). *Guia do educador fundamental II - Programa Cooperjovem* (1ª ed.). Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.
- Meyer, J. P. , & Allen, N. J. (1997). Commitment in the workplace: Theory, research, and application. *Sage publications*.
- Meyer, J. P., & Allen, N. J. (1991). A three-component conceptualization of organizational commitment. *Human Resource Management Review*, 1(1), 61–89. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/1053-4822\(91\)90011-Z](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/1053-4822(91)90011-Z)
- Montresol, P. E., & Weymer, A. S. Q. (2018). *Qualidade de vida no trabalho e comprometimento organizacional nas cooperativas do sistema Uniprime*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Moraes, L. F. R. de. (1997). *Comprometimento organizacional: Um estudo de caso comparativo em universidades federais mineiras*.
- Mowday, R. T., Porter, L. W., & Steers, R. M. (1982). Employee-Organization Linkages: The Psychology of Commitment, Absenteeism and Turnover. *Academic Press*.
- Mowday, R. T., Steers, R. M., & Porter, L. W. (1979). The measurement of organizational commitment. *Journal of Vocational Behavior*, 14(2), 224–247. [https://doi.org/10.1016/0001-8791\(79\)90072-1](https://doi.org/10.1016/0001-8791(79)90072-1)
- Namorado, R. (2005). *Os princípios cooperativos*. Almedina.
- Ocepar. (2009). *SESCOOP/PR 10 ANOS: Programa Cooperjovem leva o cooperativismo às escolas*. Informe Paraná Cooperativo. <https://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/index.php/sistema-ocepar/comunicacao/2011-12-07-11-06-29/ultimas-noticias/13671-13671>
- Pereira, D. T., & Beschizza, R. M. F. (2022). *Aprendizagem baseada em projetos: planejamento e aplicação* (I. D. Abulafia, Org.; Vol. 1). Freitas Bastos .
- Pinho, D. B. (2000). *Universidade, Gênero e Cooperativas - OCB debatendo grandes temas do século XXI* (Sescoop, Org.).
- Sena, E. T. de L. (2021). *De volta para o futuro: Experiências inovadoras em educação ao redor do mundo*. Contentus.
- Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. (2021). *Guia de Formação Programa Cooperjovem* (1ª ed).
- Silva, L. P. da, Castro, M. A. R. da, Santos, M. G. dos, & Neto, P. J. de L. (2018). Comprometimento no trabalho e sua relação com a cultura organizacional mediada pela satisfação. *Revista Brasileira de Gestão e Negócios*, 20(3), 401–420. <https://doi.org/10.7819>

- Wiener, Y. (1982). Commitment in Organizations: A Normative View. *The Academy of Management Review*, 7(3), 418. <https://doi.org/10.2307/257334>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. Bookman editora.

APÊNDICES

Apêndice A – INFORMAÇÕES SOBRE GRUPO FOCAL DO ESTUDO

Tabela 4

Apêndice A – informações sobre o grupo focal do estudo

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4
Nome da escola: Edésio Augusto Siloti José Paschoal de Paula	Nome da escola: Pe. Vitorino Roggia Celino Rocha de Carvalho Prof. ^a . Terezinha Giron Augustini Arco – Íris Joaquim	Nome da escola: Heitor de Alencar Furtado Cherlei Coutrin de Oliveira Nellita Ramos Sabella Janice Galdino	Nome da escola: Prof. Júlio Levino Rodrigues
Município: Assis Chateaubriand	Município: Palotina	Município: Assis Chateaubriand	Município: Francisco Alves
Quantidade de professores: 08	Quantidade de professores: 07	Quantidade de professores: 07	Quantidade de professores: 05
Outros convidados: 02	Outros convidados: 02	Outros convidados: 02	Outros convidados: 02

Fonte: Autora (2024)

Apêndice B – METODOLOGIA E ROTEIRO

Metodologia:

- a) Pesquisador (Fabianne Allage y Ratzke);
- b) Sala com mesa central e cadeiras em volta;
- d) Crachá de identificação;
- e) Fotos dos participantes durante a realização da atividade em grupo focal;
- f) Gravação de áudio;
- g) Anotações escritas que sinalizam momentos importantes, tanto verbais quanto gestuais;
- h) Duração: entre 01h30 até 03h de duração.

* Por uma questão de preservação de imagem e por não ter a possibilidade do uso de duas câmeras, optou-se somente pela gravação em áudio, que confere mais conforto aos participantes que ficam menos suscetíveis à preocupação com gestos, vestimentas etc. e assim conseguem se expor de maneira mais espontânea, o que traz mais credibilidade ao estudo.

Roteiro:

1. Recepção: lanche para acolher os participantes;
2. Apresentação: Autoapresentação do moderador e do grupo;
3. Crachás: Distribuição dos crachás;
4. Objetivos do encontro: Explicar os objetivos do encontro, a justificativa da escolha do grupo e o tempo de duração da sessão;
5. Registro: Explicitar a forma de registro do trabalho e obter a anuência de todos antes de iniciar a sessão;
6. Sigilo: De forma enfática, esclarecer sobre o sigilo dos registros e nomes dos participantes;
7. Autorização: De forma verbal, os participantes devem autorizar a gravação (coleta de dados), transcrição e análise de dados, mantendo-se o sigilo das identidades;
8. Contribuições: Deixar claro que todas as ideias, opiniões, vivências e percepções importam, sem existir certo ou errado e que qualquer tipo de reflexão e contribuição é relevante para a pesquisa, visto que é um trabalho de troca e não uma entrevista coletiva;

9. Aquecimento: Para dar início às atividades, “quebrar o gelo” e incentivar o diálogo, o moderador propõe que cada participante faça um comentário geral sobre o Programa Cooperjovem;
10. Intervenções: Durante as discussões o moderador não deve emitir opiniões e sim estimular o grupo a participar e interagir de acordo com seus próprios conceitos, opiniões e experiências, além de controlar o tempo para cada discussão;
11. Final: Ao se aproximar da etapa final da atividade, o moderador deve conscientizar as pessoas sobre isso e propor que cada um faça uma consideração final sobre o assunto;
12. Manifestações individuais: É possível registrar falas individuais ao término da sessão, sem identificação, caso algum participante se sinta à vontade para isso;
13. Coleta de dados pós sessão: Ao término da sessão, o moderador abre aos participantes a possibilidade de apresentarem materiais que possam trazer mais elementos à sessão, como avaliação de alunos, trabalhos dentro e fora da sala de aula, depoimento de pais ou alunos etc.

Conversação:

Baseando-se na teoria dos três componentes (J. P., & A. N. J. Meyer, 1997) foi formulado o roteiro de conversação de forma a abordar o comprometimento dos educadores na aplicação da metodologia do Programa Cooperjovem, sendo importante destacar que antes de toda a pergunta, foi feita uma contextualização para que os participantes se sintam à vontade para expressar suas experiências e sentimentos sobre o assunto abordado.

Coleta de dados:

1. Registros: organizar e transcrever os registros de cada sessão, tanto das anotações escritas quanto das gravações (áudios) obtidas durante as sessões, com o cuidado de não entrar em reducionismo;
2. Categorias e códigos: elencados conforme tipos e frequências de menção com apoio nas teorizações em torno do problema. As codificações ou categorizações oferecem a possibilidade de análise qualitativa dos conteúdos recorrentes e relevantes;
3. Atlas TI: análise de conteúdo obtida por meio da utilização do software Atlas TI que permite elencar e classificar os códigos obtidos para a realização da análise qualitativa.

ANEXOS

Anexo I – Questionário

Perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada

1. Quais práticas pedagógicas e coletivas vocês propuseram que valorizavam um ambiente democrático respeitando aos diferentes pontos de vista?
2. Que aprendizados adquiridos na formação vocês aplicaram nas aulas e que trouxeram protagonismo aos alunos?
3. De que forma vocês incentivaram os alunos a adotarem comportamentos mais colaborativos, pensando no bem comum?
4. Quais metodologias vocês utilizaram para conscientizar os alunos a agirem de maneira mais cooperativa a fim de construir uma sociedade mais próspera?
5. Como vocês acreditam que seu nível de comprometimento influencia o engajamento dos alunos no Programa Cooperjovem?
6. Podem dar um exemplo de uma situação em que seu comprometimento impactou positivamente a participação dos alunos no Programa Cooperjovem?
7. Comente algumas situações que vocês precisaram dedicar esforços adicionais, além do esperado, para contribuir com o sucesso do Programa Cooperjovem.
8. Vocês se sentem satisfeitos em ter escolhido trabalhar com o Programa em comparação com outros que já trabalharam ou conheceram?
9. A decisão de trabalhar com o Programa Cooperjovem foi voluntária? Se o Programa fosse uma opção, entre várias, vocês o escolheriam?
10. Vocês acham que um Prêmio no final do ano lhes daria preferência na escolha pelo Cooperjovem?
11. De que maneira as atividades propostas por vocês impactaram na mudança comportamental dos alunos? (Capacidade dos alunos a identificar problemas, pensar criticamente e propor soluções criativas durante as atividades escolares.)
12. Comente sobre a implementação de boas práticas que surgiram do Programa Cooperjovem e que tiveram impacto positivo no cotidiano escolar.
13. Como vocês percebem a melhoria na capacidade dos alunos de expressarem suas ideias, trabalhar coletivamente e mediar conflitos? Quais as evidências de que os alunos colaboraram mais efetivamente e assumiram papéis de liderança em projetos de grupo?

14. Quais as evidências de que os alunos trouxeram novas ideias e abordagens para as atividades e projetos escolares?
15. Quando vocês comentam sobre o Programa Cooperjovem aos seus conhecidos, quais são as principais coisas a que vocês se referem?
16. Que tipo de *feedback* vocês receberam durante o Programa? De seus pares, colegas, diretoria, alunos, pais e/ou responsáveis?
17. Há concordância entre as diretrizes do Programa e assuntos importantes aos educadores?
18. Seus valores pessoais coincidem com os valores do Programa Cooperjovem? Quais são eles?
19. Vocês continuam no Programa por vontade própria ou por solicitação da escola?

Anexo II – Guia Metodológico

Ficha técnica

OCB

Diretoria – Ronaldo Ernesto Scucato (Secretário Geral-OCEMG)/ Ricardo Benedito Khouri (OCB-TO)/ André Pacelli Bezerra Viana (OCB-PB)/ Remy Gorga Neto (OCDF)/ Vergilio Frederico Perius (OCERGS); Suplentes: Pedro Scarpi Melhorim (OCB-ES)/ José Merched Chaar (OCB-AM)/ Aureliana Rodrigues Luz (OCB/MA)/ Onofre Cezário de Souza Filho (OCB-MT)/ José Roberto Ricken (OCEPAR); **Conselho Fiscal** – Efetivos: Ermandes Raiol da Silva (OCB-PA)/ Vinicius de Oliveira Mesquita (OCB-RJ)/ Luis Alberto Pereira (OCB-GO); Suplente: João Nicélio Alves Nogueira (OCB-CE); **Conselho de Ética** – Efetivos: Flodoaldo Alves de Alencar/ Petrucio Pereira de Magalhães Júnior/ Antonio Chavaglia; Suplente: Américo Utumi.

SESCOOP

Conselho Nacional – Efetivos: Márcio Lopes de Freitas (Presidente)/ Luiz Vicente Suzin (OCB Região Sul)/ Edivaldo Del Grande (OCB Região Sudeste)/ Celso Ramos Régis (OCB Região Centro-Oeste)/ Cergio Tecchio (OCB Regiões Norte e Nordeste)/ Fernando Henrique Kohlmann Schwanke (Ministério da Agricultura)/ Danilo Soares Pacheco de Medeiros (Ministério Economia)/ Gabriela de Souza Valente (Ministério da Economia)/ Geanluca Lorenzon (Ministério Economia)/ Adão José Correa Paiani (Ministério da Economia)/ Mauri Viana Pereira (Empr. Socied. Coop.); Suplentes: Leonardo Boesche (OCB Região Sul)/ Pedro Scarpi Melhorim (OCB Região Sudeste)/ Luis Alberto Pereira (OCB Região Centro-Oeste)/ José Merched Chaar (OCB Regiões Norte e Nordeste)/ Fabiano Maluf Amui (Ministério da Agricultura)/ Andreia Lúcia A. Cruz de Carvalho (Ministério da Economia)/ Roberta Carolina C. T. R. Bosco Soares (Ministério da Economia)/ Alex Pereira Freitas (Ministério da Economia)/ Joel Amaral Júnior (Ministério da Economia)/ Nivair De Castro De Souza (Empr. Socied. Coop.); **Conselho Fiscal** – Efetivos: João Teles de Melo Filho (Repres. OCB)/ Alexandre Gatti Lages (Repres. OCB)/ Antônia Tallarida Serra Martins (Ministério da Economia-MDIC)/ Luiza Lemos Roland (Ministério da Economia)/ Marcio Eli Almeida Leandro (Ministério da Agricultura)/ Raphael Miguel da Silva (Empr. Socied. Coop.); Suplentes: José Aparecido dos Santos (Repres. OCB)/ José Ronkoski (Repres. OCB)/ Rogério Nagamine Costanzi (Ministério da Economia-PREV SOC)/ Luciana Maria Rocha Moreira (Ministério da Economia)/ Mara Marlene Machado Papini (Ministério da Agricultura)/ Waldir Ferreira da Silva (Empr. Socied. Coop.).

CNCOOP

Diretoria – Márcio Lopes de Freitas (Presidente)/ Ronaldo Ernesto Scucato (Vice-Presidente)/ André Pacelli Bezerra Viana (Vice-Presidente)/ Celso Ramos Régis (Vice-Presidente)/ Nelson Costa (Vice-Presidente)/ Edivaldo Del Grande (Vice-Presidente); **Conselho Fiscal** – Dalva Aparecida Garcia Caramalac/ José Aparecido dos Santos/ Alexandre Gatti Lages; Suplentes: Robson Leandro Mafioletti/ Jorge Luiz Soares Barbosa/ Aramis Moutinho Junior.

Diretoria Executiva

Presidente Márcio Lopes de Freitas
Superintendente Renato Nobile

Gerência Geral

OCB Tânia Zanella
Sescoop Karla Oliveira

Gerente de Desenvolvimento Humano em Cooperativas

Geâne Nazaré Ferreira

Analista de Desenvolvimento e Gestão

Edlane Resende Batista de Melo
Divani Ferreira de Souza Matos

Equipe Técnica

Alanni de Lacerda (Sebrae/MG)/ Amanda Holanda (Instituto Sicoob) / Darcivana Squena (Aurora FALB) / Diogo Angioletti (Central Ailos) / Emanuelle Marques (Instituto Sicoob) / Fabiana Pereira (Sescoop/MG); Fabianne Ratzke (Sescoop/PR) / Fernando Silva (Sicoob Saromcredi) / Joao Evangelista (BCB) / Keyla Copes (Fundação Sicredi) / Márcia Fernanda Rocha (Instituto Sicoob) / Rafael Hermogenes (Sebrae/UN) / Renato Marcelino (Sescoop/MS) / Romildo Silva (Sicoob Credichapada) / Suellen Lins (Fundação Sicredi)

Equipe Técnica Tribo

Coordenação

Stephanie Vellozo Crispino
Klynsmann Diogo Cauduro Bagatini
Victor Sarti
Samuel Emilio Santos de Melo

Autoria

Irenildes Santana da Silva

Revisão de Conteúdo

Luana Barbara Smeets

Projeto Gráfico e Diagramação

Nadia Naomi Sato
Roberta Akegawa Cunha
André Gustavo Camargo Asahida

Revisão Gramatical

Amanda da Silva Santos

UNIDADES ESTADUAIS DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO – SECOOP

CENTRO-OESTE

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – OCB

Setor de Autarquias Sul – SAUS, Quadra 04, Bloco I, Brasília/DF,
CEP: 70070-936.
Telefones: (61) 3217-2119 / (61) 3217-1500 / 3217-1501 / 3217-
2102 / 3217-2101 Fax: (61) 3217-2121
Home Page: <http://www.ocb.org.br>
E-mail: sescoop@sescoop.coop.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO DISTRITO FEDERAL – OCDF

SCS, Quadra 4, Bloco A, Sala 218/222, Ed. Embaixador, Brasília/DF,
CEP: 70300-907.
Telefone: (61) 3345-3036 Fax: (61) 3245-3121
E-mail: ocdf@ocdf.org.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE GOIÁS – OCB/GO

Av. H com Rua 14, nº 550, Quadra C9, Lt.09, Jardim Goiás, Goiânia/
GO, CEP: 74810-070.
Telefones: (62) 3240-2600 / (62) 3240-2611
E-mails: ocbgo@ocbgo.coop.br / secretaria@ocbgo.coop.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO MATO GROSSO – OCB/MT

Rua 02, Quadra 04, Lote 03, Setor A, Centro Político Administrativo,
Cuiabá/MT, CEP: 78049-050.
Telefones: (65) 3648-2400 / (65) 3648-2421 / Fax: (65) 3644-2306
E-mail: secretaria@sescoopmt.coop.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL – OCB/MS

Rua Ceará, nº 2245, Vila Célia, Campo Grande/MS, CEP: 79022-
390.
Telefone: (67) 3389-0200 Fax: (67) 3389-0210
E-mails: atendimento@ocbms.org.br; ocbms@ocbms.org.br

NORTE

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO ACRE – OCB/AC

Rua Coronel Alexandrino, nº 580, 1º andar, Bosque, Rio Branco/AC,
CEP: 69900-658.
Telefones: (68) 3223-8189 / (68) 3224-9151
E-mail: sescoop.ac@sescoopac.coop.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO AMAZONAS – OCB/AM

Av. Japurá, nº 241, Centro, Manaus/AM, CEP: 69025-020.
Telefone/ Fax: (92)3631-8741 / 3631-8518 / 3611-2226
E-mail: secretariaocbam@gmail.com

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO AMAPÁ – OCB/AP

Rua Tiradentes, nº 102-E1, Centro, Macapá/AP, CEP: 68900-098.
Telefone/Fax: (96) 3223-0110
E-mail: ocb@ocb-ap.coop.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARÁ – OCB/PA

Av. Conselheiro Furtado, nº 1693, Bairro Nazaré, Belém - PA,
CEP 66040-100.
Telefones: (91) 3226-5014/ (91) 3226-4140/ (91) 3226-5280
E-mails: secretaria@paracooperativo.coop.br / cadastro@paracooperativo.coop.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE RONDÔNIA – OCB/RO

Rua Quintino Bocaiuva, nº 1671, São Cristóvão, Porto Velho/RO,
CEP: 76804-076.
Telefone: (69) 3229-2866
E-mail: sistemaocb@ocb-ro.org.br

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE RORAIMA – OCB/RR

Av. Major Willians, nº 1018, 2º Andar, São Francisco, Boa Vista/RR,
CEP: 69305-085.
Telefones: (95) 3623-2912 / (95) 3623-2312
E-mail: [sescooprr@yahoo.com.br](mailto:sescoopr@yahoo.com.br)

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO TOCANTINS – OCB/TO

Av. JK, Quadra 110, Norte lote 11, Palmas/TO, CEP: 77006-130.
Telefone: (63) 3215-3291
E-mail: secretaria@ocbto.coop.br

NORDESTE

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE ALAGOAS – OCB/AL

Av. Governador Lamenha Filho, nº 1880, Feitosa, Maceió/AL,
CEP: 570043-000.
Telefones: (82) 2122-9494 / 2122-9458
E-mails: silvana.silva@ocb-al.coop.br; micarla.rodrigues@ocb-al.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DA BAHIA – OCEB**

Rua Boulevard Sulço, nº 129, Jd. Baiano, Nazaré, Salvador/BA,
CEP: 40050-330.
Telefone: (71) 3421-5814 / 3421-5822
E-mail: administrativo_ba@oceb.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO CEARÁ – OCB/CE**

Rua Ildefonso Albano, 1585, Salas 02/04, Aldeota, Fortaleza/CE,
CEP: 60115-000.
Telefones: (85) 3535-3650/ 3535-3670
E-mail: sescoop-ce@obce.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO MARANHÃO – OCEMA**

Rua 02, Casa 12, Conjunto São Marcos – COHAB ANIL, São Luís/
MA, CEP: 65051-210.
Telefones/ Fax: (98) 3302-8414 / (98) 3221-3292
E-mails: ocbmasomoscoop@gmail.com / contato@ocbma.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DA PARAÍBA – OCB/PB**

Av. Coremas, nº 498, Centro, João Pessoa/PB, CEP: 58.013-430.
Telefone: (83) 3222-3660
E-mail: sescooppb@sescooppb.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DE PERNAMBUCO – OCB/PE**

Rua Manoel Joaquim de Almeida, nº 165, 1º. Andar, Iputinga, Recife/
PE, CEP: 50670-370.
Telefones: (81) 3032-8314 / (83) 3032-8300
E-mail: luiza.gomes@pernambucocooperativo.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO PIAUÍ – OCEPI**

Rua Tomaz Tajra, nº 1159, Fátima, Teresina/PI, CEP: 64049-504.
Telefones: (86) 3225-4443 / (86) 3225-4444 / (86) 3214-1941
E-mail: sescoop@sescoop-pi.coop.br

**ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO NORTE – OCERN**

Av. Jerônimo Câmara, nº 2994, Nazaré, Natal/RN CEP: 59060-300.
Telefone: (84) 3605-2531
E-mail: sescooprn@sescooprn.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DE SERGIPE – OCESE**

Av. Augusto Maynard, nº 247, São José, Aracaju/SE, CEP: 49015-380.
Telefones: (79) 3259-6434 / (79) 3259-2752
E-mails: ocese@sescoopse.coop.br / raquel.santos@sescoopse.coop.br

SUL

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO PARANÁ – OCEPAR**

Av. Cândido de Abreu, nº 501, Centro Cívico, Curitiba/PR, CEP:
80.530-000.
Telefones: (41) 3200-1104 / (41) 3200-1105
E-mail: ocepar@sistemaocepar.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – OCERGS**

Rua Felix da Cunha, nº 12, Bairro Floresta, Porto Alegre/RS, CEP:
90570-000.
Telefone: (51) 3323-0030
E-mails: ocergs@ocergs.coop.br / diego-emmel@sescopr.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DE SANTA CATARINA – OCESC**

Av. Almirante Tamandaré, nº 633, Bairro Capoeiras, Florianópolis/SC,
CEP: 88080-161.
Telefones: (48) 3878-8800/ (48) 3878-8833 / (48) 3878-8837
E-mails: ocesc@oces.org.br / telefonista@oces.org.br

SUDESTE

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO – OCB/ES**

Av. Nossa Senhora da Penha, nº 1477, Santa Lúcia, Vitória/ES, CEP:
29056-243.
Telefax: (27) 2125-3200 / (27) 2125-3202
E-mail: ocbes@ocbes.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DE MINAS GERAIS - OCENG**

Rua Ceará, nº 771, Funcionários, Belo Horizonte/MG, CEP: 30150-311.
Telefones: (31) 3025-7100 / (31) 3025-7119 / (31) 3025-7119 Fax:
(31) 3025-7120
E-mail: oceng@minasgerais.coop.br

**SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO – OCB/RJ**

Rua da Quitanda, nº. 56, Centro, Rio de Janeiro/RJ, CEP 20011-030.
Telefones: (21) 2232-0133 / (21) 2232-0344 Fax: (21) 2232-0133
E-mails: atendimento@rio.coop / secretaria@rio.coop

**ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE SÃO
PAULO - OCESP**

Rua Treze de maio, nº 1376, Bela Vista, São Paulo/SP, CEP: 01327-002.
Telefones: (11) 3146-6205 / (11) 3146-6203
E-mail: atendimento@ocesp.coop.br



Sumário

1. Introdução.....	6
2. Propósito do programa	7
3. Eixos temáticos.....	9
4. Base teórica-metodológica da proposta.....	11
5. Proposta Metodológica: O JOGO	15
6. Materiais de apoio	24
7. Atores e Papéis	26
8. Referências bibliográficas.....	28



1. Introdução

Este documento apresenta a proposta metodológica para o desenvolvimento do programa Cooperjovem. Para desenvolvê-la foram usadas as produções dos workshops de co-criação, as entrevistas com parceiros, o registro das visitas e o estudo das metodologias usadas por diferentes iniciativas que atuam com educação cooperativista, ambiental, empreendedora e/ou financeira, sendo elas: Aprendiz Cooperativo, CooperaEduca, Cooperativa Mirins, Cooperjovem, Criativos da Escola, Ecocooperação, Educação Financeira nas escolas - ENEF, Jogo Oásis, NAVE (Núcleo avançado em educação), Programa Nacional de Educação Empreendedora do Sebrae, Projeto ECOA, Projeto RAIS e União faz a vida.

Com base nas informações levantadas identificou-se as premissas para que o Cooperjovem seja capaz cumprir com o propósito de potencializar nas crianças e jovens o protagonismo e o compromisso com a construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera. As premissas que estão diretamente relacionadas à metodologia do programa, e que foram usadas para desenhar esta proposta, estão destacadas em azul na imagem a seguir:



2. Propósito do programa

Com o Cooperjovem é possível ressignificar o paradigma da educação de crianças e adolescentes por todo o país. A forma de pensar e implementar o programa por si só é um manifesto que ilustra o que acredita-se ser o melhor para o futuro da educação brasileira e para as futuras cidadãs e os futuros cidadãos que poderão fazer do Brasil um lugar cada vez mais colaborativo, consciente e, consequentemente, próspero. Como diz Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Indignação*, "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". Por isso vale a pena investir na construção de uma educação que reflita os valores de uma nova sociedade, a escola é um terreno fértil para plantar as sementes da transformação que queremos ver no mundo.

Nas visitas realizadas à campo, ficou claro que o verdadeiro potencial do que está sendo construído começa nos olhos de cada criança e adolescente impactada por essas iniciativas. São olhos que brilham pela descoberta compartilhada de novas paixões. Olhos que passam a enxergar o outro e o ambiente à volta e integrá-los no desenho de novas soluções. Olhos que, acima de tudo, são capazes de ver um novo mundo e alcançar horizontes que antes não estavam à vista. Como diz a pesquisadora e professora de Stanford, Carol Dweck, é a forma de enxergarmos o mundo que molda a maneira como se vive a vida. Portanto, é nessa capacidade de ver além que está o futuro que se quer construir.





A metodologia do Cooperjovem tem como base casos bem sucedidos no cenário brasileiro, reunindo os aprendizados e melhores práticas que já existem nas iniciativas de educação cooperativista, empreendedora, financeira e ambiental pelo Brasil.

A partir dos encontros realizados em Brasília com os principais parceiros do projeto, chegou-se no seguinte propósito que guia o impacto que todos desejam alcançar com esse programa:

"Formar protagonistas na construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera."

Esse propósito reflete a intenção de uma educação integral que se desdobra de forma transversal para todos os atores envolvidos na sua criação e implementação. Desde as instituições parceiras, as organizações que intermediam a realização do programa (como Secretarias da Educação, Centrais, Cooperativas e outros órgãos regionais/locais), até as escolas, multiplicadores(as), professores(as), alunos(as) e, porque não, as famílias. O desejo é formar protagonistas que despertam essa mesma qualidade naqueles à sua volta para que cada qual possa fazer parte da construção dessa sociedade consciente, colaborativa e próspera que todo mundo deseja ver.

3. Eixos temáticos

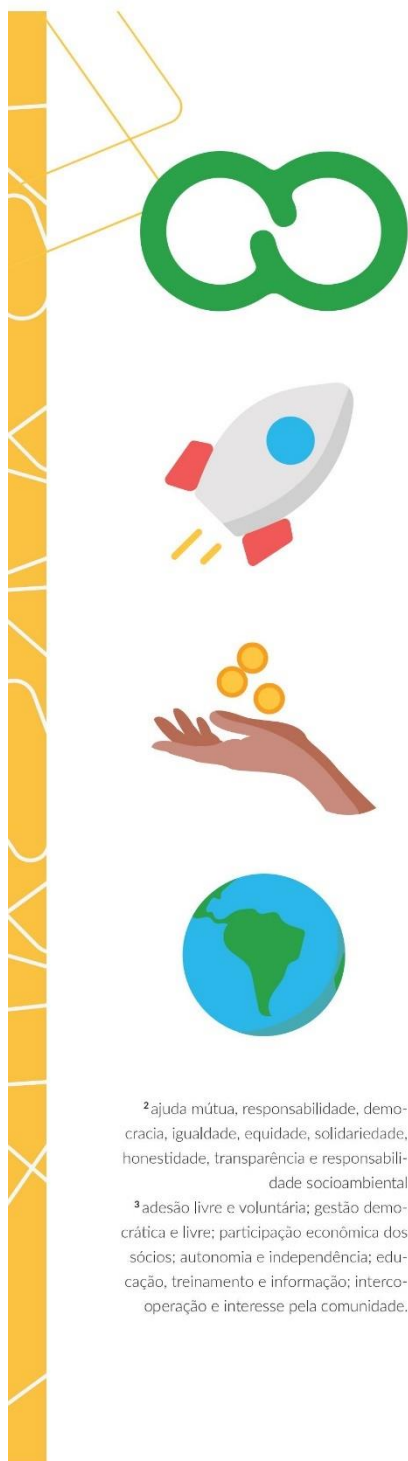


O propósito do Cooperjovem, de formar protagonistas na construção de uma sociedade consciente, colaborativa e próspera, está profundamente alinhado com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular. A BNCC¹ reforça que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL 2013). Além disso, entre as competências gerais, que devem ser desenvolvidas ao longo da educação básica, ela destaca o desenvolvimento da competência de empatia e cooperação, que tem como objetivo formar sujeitos capazes de respeitar as diferenças, trabalhar em equipe, tomar decisões, realizar ações e projetos de forma cooperativa.

Diante desse direcionamento, o Cooperjovem tem como base quatro eixos temáticos que contribuem com esta visão de educação: educação cooperativista, empreendedora, financeira e ambiental. Esses eixos serão trabalhados de forma interdisciplinar, com intuito de superar a fragmentação do conhecimento e estimular que os(as) alunos(as) construam relações entre os diferentes conteúdos presentes em cada eixo e também com os componentes curriculares das áreas de conhecimento definidas pela BNCC. Para que a aprendizagem do programa colabore para a cidadania democrática e para a construção de propósitos coletivos a partir do trabalho cooperativo, a educação cooperativista está como eixo central e transversal que cruza e conecta os demais pilares.

Isso significa que os saberes dos eixos de educação ambiental, financeira e empreendedora serão trabalhados sempre a partir de uma abordagem que potencialize o aprendizado e a prática dos valores cooperativistas, ampliando a percepção dos(as) alunos(os) e professores sobre as contribuições que o cooperativismo pode trazer para formação de uma sociedade, mais justa, responsável e próspera. Conheça a seguir o objetivo de aprendizagem de cada um desses eixos:

¹ Base Nacional Comum Curricular



²ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade, solidariedade, honestidade, transparência e responsabilidade socioambiental

³adesão livre e voluntária; gestão democrática e livre; participação econômica dos sócios; autonomia e independência; educação, treinamento e informação; intercooperação e interesse pela comunidade.

Educação cooperativista: Desenvolver nas crianças e jovens os valores² e princípios do cooperativismo para que sejam capazes de dialogar com o diferente, resolver conflitos, trabalhar em equipe, tomar decisões e realizar projetos cooperativos. Dessa forma, espera-se que sejam comprometidos(as) com a convivência participativa e democrática, com ações que visam a melhoria da qualidade de vida pessoal e comunitária, enxergando no cooperativismo uma oportunidade de construir uma sociedade mais justa, inclusiva e promissora.

Educação empreendedora: Desenvolver nas crianças e jovens atitudes empreendedoras, com o intuito de torná-los capazes de encarar problemas individuais e coletivos como oportunidades, e por meio da observação crítica e qualificada propor soluções que transformem a sua vida e a dos demais membros da comunidade. Com isto, espera-se potencializar a sua autoconfiança para que se sintam capazes de empreender projetos pessoais e coletivos, colocando em prática os valores do cooperativismo como ajuda mútua, solidariedade, honestidade e responsabilidade e também os princípios de autonomia, intercooperação e interesse pela comunidade, contribuindo dessa forma com o fortalecimento de uma cultura empreendedora que se apoia no trabalho cooperativista, socialmente produtivo e sustentável.

Educação financeira: Desenvolver nas crianças e jovens a capacidade de lidar com o dinheiro de forma consciente e oferecer ferramentas que ajudem a realizar os seus sonhos pessoais e projetos coletivos usando os recursos financeiros de maneira sustentável e responsável. Dessa forma, espera-se que se tornem conscientes de como decisões de consumo individual impactam a economia e consigam relacionar sucesso da sociedade à saúde financeira de seus membros. O intuito é desenvolver pessoas capazes de tomar decisões financeiras assertivas, que façam um planejamento financeiro e poupem pensando no futuro, colocando em prática valores cooperativistas como responsabilidade, honestidade e transparência e os princípios de participação econômica, independência e gestão democrática.

Educação ambiental: Desenvolver nas crianças e jovens competências e atitudes voltadas para preservação e regeneração do meio ambiente, considerando a interdependência entre o meio natural, socioeconômico e cultural, sob o enfoque da sustentabilidade e do bem viver. Espera-se que sejam capazes de reconhecer como as ações de cada pessoa e também das empresas exercem impacto sobre o coletivo e o meio ambiente, e a partir desse entendimento despertem o interesse por empreender ações que minimizem o impacto negativo e promovam transformação positiva no meio ambiente local, colocando em prática os valores cooperativistas como responsabilidade socioambiental, ajuda mútua e solidariedade e também o princípio de interesse pela comunidade.

4. Base teórica-metodológica da proposta

Esta proposta foi feita com o intuito de atender a demanda de criar um novo programa que potencialize a educação integral, contribua com o desenvolvimento das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e estabeleça uma conexão entre os eixos temáticos e os componentes curriculares de forma contextualizada às diferentes realidades no Brasil, usando para isso uma metodologia ativa e lúdica.

Com base nessas premissas, a metodologia proposta para o novo programa utiliza uma combinação de duas abordagens teórico-metodológicas: aprendizagem baseada em projetos e gamificação. Esse arcabouço oferece as referências necessárias para cumprir o propósito do programa por meio de uma metodologia ativa, centrada no(a) aluno(a), que potencialize o desenvolvimento integral e favoreça uma aprendizagem lúdica e cooperativa. A seguir, veja uma breve descrição de cada uma dessas abordagens:

Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)

Esta abordagem estimula que crianças e jovens tenham uma posição ativa na produção do seu próprio conhecimento e está alinhada aos pilares da educação para o século XXI sugeridos pela UNESCO e também ao pilar complementar que integra a educação cooperativista:

Pilares da educação para o século XXI sugeridos pela UNESCO:

- aprender a conhecer - descobrir como buscar o conhecimento e também despertar a motivação para aprender;
- aprender a fazer - colocar em prática os conhecimentos teóricos aprendidos;
- aprender a conviver - respeitar o outro, perceber as interdependências e ser capaz de relacionar e gerenciar conflitos;
- aprender a ser - compreender a si mesmo, ter autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal.





Pilar complementar para educação cooperativista:

- aprender a agir cooperativamente - praticar a cooperação como estilo de vida e o cooperativismo como fundamento de uma educação cooperativa

A ABP⁴ é um modelo de ensino baseado na experiência e investigação, que permite para crianças e jovens confrontar questões e problemas do mundo real que considerem importantes, determinar como abordá-los e, então, agir cooperativamente para buscar soluções.

Este modelo propõe mudar a dinâmica de ensino e aprendizagem centrado no(a) professor(a), que tem o(a) aluno(a) como um receptor passivo do ensino, para uma exploração centrada no(a) aluno(a), mais dinâmica e envolvente em um processo de resolução de problemas em que o professor ou professora facilitam a aprendizagem a partir do interesse dos(as) alunos(as), ajudam-os(as) a usar os conhecimentos das diferentes áreas do conhecimento para desenvolver um projeto, o que resulta em um alto índice de envolvimento e desempenho dos alunos(as) e grande contribuição para educação integral.

Dessa forma, a ABP é uma grande aliada para educação integral, cuja concepção compreende que a escola deve garantir o desenvolvimento não apenas intelectual, mas também social, emocional, físico e cultural dos(as) alunos(as), ou seja, ela deve se responsabilizar com a formação de sujeitos responsáveis consigo mesmo e com o mundo, que sejam capazes de aplicar conhecimentos para resolver problemas, tenham autonomia para tomar decisões, consigam trabalhar cooperativamente e saibam conviver e aprender com as diferenças e a diversidade. Este modelo de educação é tão significativo para a formação de pessoas capazes de lidar com os desafios do século XXI, que é também destacada na Base Nacional Comum Curricular.

O conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos(as) estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir (Base Nacional Comum Curricular, 2017).

A aprendizagem baseada em projetos foi escolhida para ser uma das bases teórica-metodológicas do novo programa, justamente por ter elementos que favorecem a educação integral promovida pela BNCC.

⁴Aprendizagem baseada em projetos

Elementos essenciais da ABP:

Conteúdo significativo: na sua essência, o projeto é focado em desenvolver conhecimentos e habilidades relevantes para a vida pessoal e futuro profissional de crianças e jovens.

- **Competências para século XXI:** alunos constroem competências valiosas para o mundo de hoje, tais como: pensamento crítico, resolução de problemas, cooperação, comunicação e criatividade/inação — que são ensinadas e avaliadas.
- **Investigação aprofundada:** os alunos se envolvem em um processo rigoroso e profundo de investigação e pesquisa utilizando os recursos disponíveis, como a internet, livros e entrevistas com pessoas envolvidas para encontrar respostas.
- **Revisão e reflexão:** a reflexão sobre o projeto é um processo que permite crianças e jovens considerar alternativas que levem a novos projetos, produtos e aprendizados de maior qualidade, além de ponderar sobre o que e como estão aprendendo.

Etapas de um projeto de ensino na ABP:

1. Introdução e planejamento em equipe do projeto ABP
2. Fase de pesquisa inicial: coleta de informações
3. Criação, desenvolvimento, avaliação inicial da apresentação e de artefatos prototípicos
4. Segunda fase de pesquisa
5. Desenvolvimento da apresentação final
6. Publicação do produto final

Gamificação

O termo gamificação, ou em inglês gamification, refere-se à aplicação de elementos de jogos em outros contextos, como na educação.

Isso significa usar elementos dos jogos para engajar alunos(as) para atingir um objetivo. Usando a gamificação é possível despertar interesse, aumentar a participação, desenvolver criatividade e autonomia, promover diálogo e resolver situações-problema.

Educadores(as) podem introduzir a gamificação na sala de aula por meio de jogos já existentes e também através de certas dinâmicas, como o trabalho a partir de missões ou desafios, que funcionam como combustível para a aprendizagem. Dessa forma, todo conhecimento serve a um propósito, o que envolve crianças e jovens no processo. Outras alternativas são utilizar pontos, distintivos ou prêmios como incenti-



⁵Fonte: LAURITA, Anike e Vanessa Machado. Coleção aprendendo com projetos: amizade e convivência. 2019. p. 12

⁶Fonte: BENDER, William N. Aprendizagem baseada em projetos. 2015. p. 61



⁷Fonte: LORENZONI, Marcela. Gamificação: o que é e como pode transformar a aprendizagem. disponível em: <https://www.geekie.com.br/blog/gamificacao/>

vo; definir personagens (avatares) ou cenários específicos com que as crianças e jovens precisam lidar ou propor obstáculos a serem superados. Os(as) educadores(as) também podem estimular a cooperação na sala de aula por meio de jogos que estimulem o trabalho coletivo para resolver um desafio.

Formatos de gamificação para aprendizagem⁷:

- **Criação:** crianças e jovens devem criar um produto ou projeto através do jogo;
- **Pesquisa e documentário:** crianças e jovens usam ferramentas digitais, livros, entrevistas e outros recursos disponíveis para pesquisar um assunto, documentar e organizar-lo de forma criativa;
- **Simulação:** crianças e jovens vivenciam uma realidade alternativa e experimentam diferentes contextos;
- **Ponto de partida:** jogos são utilizados para gerar debate sobre algum tema.

O que a gamificação promove:

- Interatividade;
- Alcance de objetivos;
- Trabalho em equipe;
- Resolução de problemas

5. Proposta Metodológica: O JOGO

Como aprendizagem baseada em projetos e gamificação se integram nesta proposta?

A missão final do jogo é realizar um projeto de transformação na comunidade ou na escola, a partir de uma necessidade real identificada pelos(as) alunos(as). Para isso, será necessário resolver desafios e adquirir habilidades/poderes em cada uma das 5 fases do jogo.

Para criar este jogo, será utilizada as diretrizes da gamificação para transformar cada etapa da ABP em uma fase do jogo, os temas dos desafios estão relacionados a educação cooperativista, empreendedora, financeira e ambiental. Ao avançar no jogo, o(a) aluno(a) vai adquirindo conhecimentos e habilidades relacionados aos 4 eixos do programa e também realiza as etapas necessárias para realizar um projeto usando a aprendizagem baseada em projetos. Tudo isso de uma forma lúdica, o que favorece a aprendizagem prática e criativa.

Quais são os temas selecionados para cada eixo temático?

Os temas selecionados para cada eixo temático, serão convertidos em desafios e distribuídos em cada fase do jogo, de acordo com o objetivo. Dessa forma, em algumas fases não haverá desafios relacionados a todos os eixos. Confira no quadro a seguir os temas que serão trabalhados em cada eixo, você observará que foi incluído um eixo chamado transversal, este temas serão trabalhados em todas as fases.



COOPERJOGO

O QUE É?

O Cooperjogo é uma jornada de educação integral, envolvendo 4 eixos: educação cooperativista, empreendedora, financeira e ambiental, conectadas à BNCC. Por meio da aprendizagem baseada em projetos, estudantes irão cooperar para solucionar um desafio, desenvolvendo habilidades e competências.

PARA QUEM É?

Para estudantes do 1º ao 9º ano.

Há 4 versões diferentes:

1º ao 3º ano -- Cooperjogo - EF I - ciclo I

4º e 5º ano -- Cooperjogo - EF I - ciclo II

6º e 7º ano -- Cooperjogo - EF II - ciclo III

8º e 9º ano -- Cooperjogo - EF II - ciclo IV

QUAL A DURAÇÃO?

Um ano letivo para realizar o sonho coletivo.

QUAIS OS RECURSOS?

O(a) educador(a) terá este guia para orientá-lo na jornada e os(as) estudantes terão o Diário do Jogo.

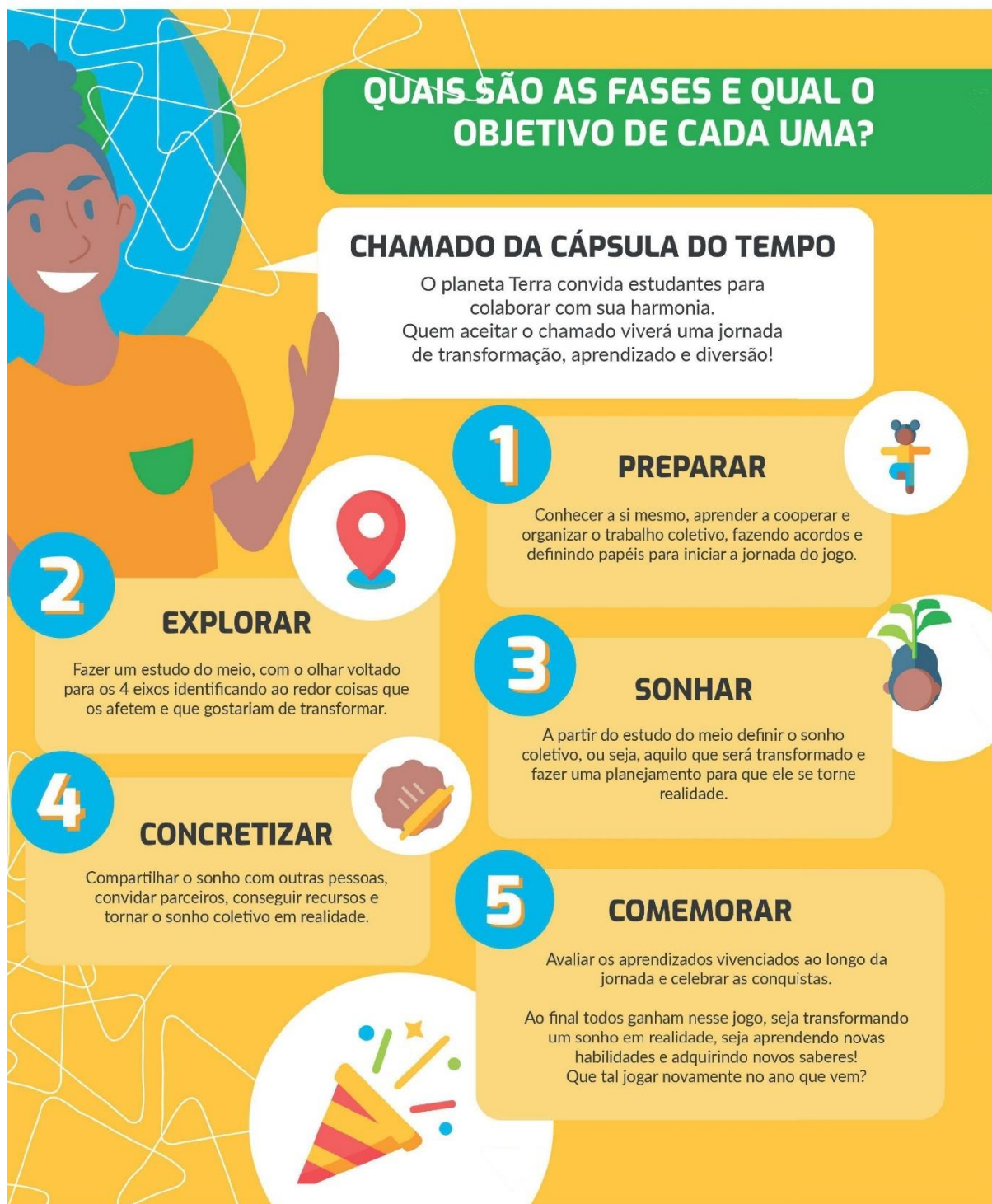
COMO FUNCIONA?

Como funciona?

O Cooperjogo tem 5 fases e cada uma tem suas missões, que irão variar de acordo com os ciclos etários. As missões podem ser da turma ou de toda a escola.

QUAIS SÃO OS INCENTIVADORES?

Quais são os incentivadores?
Cooperativa ou instituições parceiras;
cooperativa educacional; escola;
secretaria de educação.



EIXO	TEMAS
EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA	História do cooperativismo
	Valores cooperativistas
	Princípios cooperativistas
	Para que servem e como funcionam as cooperativas
	Atitudes e competências empreendedoras.
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	Identificação de oportunidades
	Inovação e criatividade
	Parcerias e fortalecimento de redes
	Definição de metas
	Organização e planejamento
EDUCAÇÃO FINANCEIRA	Planejamento financeiro
	Consumo consciente
	Gerenciamento de gastos
	Poupança
EDUCAÇÃO AMBIENTAL	Desenvolvimento sustentável
	Impacto humano no meio ambiente
	Responsabilidade socioambiental
	Gestão de resíduos
	Preservação e regeneração ambiental
TRANSVERSAL	Objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)
	Projeto de Vida

Quais outros temas são trabalhados no programa?

Projeto de vida - O trabalho realizado no jogo é coletivo e cooperativo, porém na dimensão pessoal os(as) alunos(as) serão convidados(as) a aplicar o que aprenderam, no seu projeto de vida.

Objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) - Cada fase irá identificar os ODS com os quais contribui.

Habilidades socioemocionais - Os desafios propostos irão desenvolver nos(as) alunos(as) além das habilidades cognitivas, habilidades socioemocionais como autoconhecimento, colaboração e resolução de problemas que os ajudarão a lidar com as próprias emoções, se relacionar com os outros e gerenciar objetivos de vida.

Qual é o público alvo?

O público alvo são alunos do ensino fundamental do 1º ao 9º ano. As séries serão agrupadas em 4 grupos, para cada grupo serão desenhadas atividades diferentes adequadas às características de desenvolvimento da faixa etária.

Agrupamento das séries:

1º ao 3º ano (6 a 8 anos)

4º e 5º ano (9 a 10 anos)

6º e 7º ano (11 a 12 anos)

8º e 9º ano (13 a 14 anos)



Fases

Em cada fase, os alunos encaram diferentes desafios e desenvolvem habilidades dos 4 eixos temáticos



Trabalho cooperativista

Os alunos precisam compartilhar talentos e recursos para conseguir concluir as missões



Protagonismo

Os alunos decidem como resolver os desafios, e podem buscar apoio nos conteúdos das disciplinas



Desafio final

Todas as fases irão instrumentalizar os alunos para superar o desafio final que é transformar um problema da comunidade ou da escola

Fase	Descrição	Ações que podem ser convertidas em desafios	Temas dos eixos que podem ser trabalhados	Competências Gerais - BNCC
 1. Conheça seu time: PREPARAR	Na fase inicial os desafios convidam as crianças e jovens para reconhecer seus talentos individuais e coletivos, e fortalecer os vínculos. Inspirando-se em como as cooperativas funcionam potencializar o trabalho cooperativo que será realizado ao longo de todo jogo.	• aprender a ser: conhecer os talentos e desejos para o futuro de cada integrante do grupo • aprender a viver: elaborar acordos de convivência • assim como nas cooperativas, criar a identidade do grupo, definindo nome, logo etc. • conhecer os valores cooperativistas e identificar o que já são praticados pelo grupo e os que precisam ser desenvolvidos.	Educação Cooperativista: 1.valores cooperativistas 2.princípios do cooperativismo 3.para que servem e como funcionam as cooperativas Educação Empreendedora: 4. parcerias e fortalecimento de redes	CG4.Comunicação CG8.Autoconhecimento e autocuidado. CG9.Empatia e cooperação
 2. Descubra o seu lugar: EXPLORAR	Na segunda fase, os desafios convidam à troca de lentes e olhar para escola e para a comunidade a partir de uma nova perspectiva, que reconhece as belezas e também os problemas que podem se tornar oportunidade	• fazer um diagnóstico econômico, social e ambiental da comunidade • identificar as potencialidades e oportunidades da comunidade e ou da escola • entrevistar moradores(as), empreendedores(as) e cooperativas locais • registrar as descobertas e compartilhar com a comunidade escolar	Educação cooperativista: 1. Para que servem e como funcionam as cooperativas 2..valores e princípios cooperativistas Educação empreendedora: 3.identificação de oportunidades 4.atitudes e competências empreendedoras Educação ambiental: 5.desenvolvimento sustentável 6.gestão de resíduos 7. preservação e regeneração ambiental 8. impacto humano no meio ambiente	CG4.Comunicação CG8.Autoconhecimento e autocuidado. CG9.Empatia e cooperação

Fase	Descrição	Ações que podem ser convertidas em desafios	Temas dos eixos que podem ser trabalhados	Competências Gerais - BNCC
 3. Dê asas para criatividade: SONHAR	Na terceira fase, as crianças e jovens são estimulados a usar sua criatividade, capacidade de sonhar e tomar decisões coletivas para definir o que será transformado na comunidade ou na escola. A partir dessa descoberta, devem continuar usando a energia criativa para fazer um plano com as ações necessárias para realizar a transformação que querem ver no mundo.	• compartilhar as ideias de tema do projeto • definir o tema do projeto • aprender a conhecer: pesquisar sobre o tema e impactos econômicos, sociais e ambientais • divulgar os aprendizados • planejar as ações	Educação cooperativista: 1.valores e princípios cooperativistas Educação empreendedora: 2.definição de metas 3.organização e planejamento 4.inovação e criatividade Educação financeira: 5.planejamento financeiro Educação ambiental: 6.preservação e regeneração ambiental	CG1.Conhecimento CG2.Pensamento científico,crítico e criativo CG7.Argumentação 8.Trabalho e projeto de vida CG10.Responsabilidade e cidadania
 4. Coloque a mão na massa: CONCRETIZAR	Na quarta fase, é o momento de mapear os recursos necessários e quais são os parceiros que podem contribuir para a realização do projeto de transformação. Feito isso, chega a hora de colocar a mão na massa e dar vida ao projeto.	mapear os recursos necessários e disponíveis fazer parcerias aprender a fazer: colocar a mão na massa e tirar o projeto do papel	Educação cooperativista 1.valores e princípios cooperativistas. Educação empreendedora: 2.parcerias e fortalecimento de redes Educação financeira: 3.gerenciamento de gastos 4.consumo consciente 5.poupança Educação ambiental: 6.responsabilidade socioambiental	CG1.Conhecimento CG2.Pensamento científico,crítico e criativo CG9.Empatia e cooperação CG10.Responsabilidade e cidadania

Fase	Descrição	Ações que podem ser convertidas em desafios	Temas dos eixos que podem ser trabalhados	Competências Gerais - BNCC
 5. Avalie, celebre e contagie: COMEMORAR	Chegou o grande momento de avaliar o percurso no jogo, celebrar e compartilhar as conquistas e aprendizados usando a tecnologia e outros recursos disponíveis.	• celebrar com a comunidade • aprender a aprender: • avaliar os aprendizados divulgar os resultados	Educação cooperativista: 1.valores cooperativistas Educação financeira: 2.gerenciamento de gastos Educação ambiental: 3.responsabilidade socio-ambiental	CG4.Comunicação CG5.Cultura digital CG8.Autoconhecimento e autocuidado.

⁸ Desafios são atividades práticas

⁹ ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade, solidariedade, honestidade, transparência e responsabilidade socioambiental

¹⁰ Adesão livre e voluntária/ gestão democrática dos sócios/ participação econômica dos sócios/ autonomia e independência/ educação,

¹¹ Desafios são atividades práticas

¹² Estabelecimento de metas, planejamento, exigência de qualidade e eficiência, persuasão e rede de contatos, busca de informações e correr riscos calculados

¹³ Desafios são atividades práticas

¹⁴ Desafios são atividades práticas

Quais são as características dos desafios propostos nas fases?

Os desafios serão desenvolvidos para que de forma prática os alunos(os) possam adquirir conhecimento e desenvolver habilidades relacionadas aos temas selecionados para os 4 eixos, também serão identificadas quais habilidades específicas e competências gerais da BNCC são trabalhadas no desafio.

Quais são os benefícios desta abordagem?

Centrada no aluno: o ponto de partida para definir o tema do projeto são as necessidades do lugar e as motivações das crianças e jovens. Por meio de uma investigação apreciativa há um convite para reconhecer as potencialidades do lugar e a olhar para os desafios como oportunidade.

- **Interdisciplinar:** diferentes disciplinas e áreas de conhecimento serão integrados para realizar o projeto.
- **Lúdica:** a linguagem dos jogos torna a aprendizagem lúdica e divertida, facilitando o engajamento dos alunos.
- **Adaptada à realidade local:** como o tema do projeto parte das necessidades do lugar, os projetos serão sempre conectados à realidade local.
- **Cooperativa:** oportunidade de ensinar e potencializar os valores cooperativistas, só vence o jogo se toda a turma jogar junta, se cada pessoa contribuir com os seus talentos.
- **Aprendizagem prática:** todos os desafios serão convites para atividades práticas, aprender fazendo.

Como usar o jogo na sala de aula?

1. **Tempo para implementação:** o ciclo completo do jogo foi desenhado para ser implementado em um ano letivo.
2. **Horário para aplicar:** o jogo poderá ser integrado à grade curricular, às habilidades e BNCC e poderá ser facilmente usado por educadores de qualquer uma das disciplinas curriculares.
3. **Projetos:** os educadores poderão decidir em conjunto com a turma se trabalharão com um projeto único para a escola ou se cada turma vai desenvolver um projeto.
4. **Flexibilidade:** cada fase terá um conjunto de desafios para atingir o objetivo de aprendizagem. Educadores poderão realizar todos os desafios, escolher desafios mais adequados para sua turma ou ainda propor outra atividade que alcance o mesmo objetivo.



6. Materiais que serão desenvolvidos

MATERIAIS DE APOIO	
Metodologia do Programa Cooperjovem: material com apresentação da metodologia e descrição do programa.	1. Apresentação 2. Como usar o guia 3. Propósito do programa, seus pilares e objetivos 4. Etapas do programa 5. Público-alvo 6. Responsabilidades e papéis 7. Base teórica metodológica 8. Relações do programa com a BNCC 9. Conheça as fases e desafios do jogo 10. Ferramentas de avaliação 11. Referências bibliográficas
Guia do Instrutor: material que servirá de apoio para multiplicadores formarem educadores e acompanhar as atividades da escola	1. Apresentação 2. Como usar o guia 3. Propósito do programa, seus pilares e objetivos 4. Etapas do programa 5. Público-alvo 6. Responsabilidades e papéis 7. Papel do multiplicador(a) 8. Base teórica metodológica 9. Relações do programa com a BNCC 10. Conheça as fases e desafios do jogo 11. Dicas para educadores: planejamento de aulas e organização de espaços que favoreçam a aprendizagem integral 12. Uso de tecnologia e ferramentas de educomunicação 13. Comunicação e mediação de conflitos na sala de aula 14. Como fazer parcerias com secretaria de educação e escolas 15. Como planejar a formação de educadores 16. Ferramentas de facilitação 17. Ferramentas de avaliação 18. Referências bibliográficas

MATERIAIS DE APOIO	
Guia do Educador: material com todas as informações necessárias para realizar as atividades na sala de aula, com design e organização do conteúdo que favoreça a consulta.	1. Apresentação 2. Como usar o guia 3. Propósito do programa, seus pilares e objetivos 4. Etapas do programa 5. Público-alvo 6. Papel do educador(a) 7. Base teórica metodológica 8. Relações do programa com a BNCC 9. Conheça as fases e missões do jogo 10. Dicas para planejar as aulas e organizar espaço físico 11. Uso de tecnologia e ferramentas de educomunicação 12. Comunicação e mediação de conflitos na sala de aula 13. Ferramentas de avaliação 14. Referências bibliográficas
Diário de bordo para estudantes: material para registro de aprendizados, andamento das fases e espaço de autorreflexão.	Não tem sumário, é um material de registro



7. Atores e Papéis

Sescoop Nacional - Fazer a gestão do programa, monitorar os resultados dos indicadores de qualidade fornecidos pelas unidades estaduais. Garantir a padronização da seleção e formação dos multiplicadores, garantindo o padrão de qualidade do programa, viabilizar ajustes e alterações necessárias para mantê-lo atualizado as necessidades de alunos(as), educadores e escolas.

Sescoop Unidades Estaduais - coordenar o programa no Estado, selecionar e formar os multiplicadores, fazer a gestão dos indicadores de qualidade, dar suporte para as cooperativas e centrais do estado, indicar material e orientação para que eles façam parceria com prefeituras, secretarias municipais de educação e escolas para implantação do programa. Compartilhar com o Sescoop nacional o resultado dos indicadores e as necessidades de ajustes e atualizações do programa.

Cooperativas singulares e centrais - Acompanhar o trabalho do multiplicador na escola e dar suporte para que o programa possa ser implantado com sucesso, identificar necessidades e oportunidades de parcerias no município que ajudem a cumprir com o princípio de interesse pela comunidade. Fazer parceria com prefeituras, secretarias municipais de educação e escolas para implantação do programa.

Secretaria de educação e/ou diretoria de ensino - Aprovar a parceria para implantar o programa nas escolas, apoiar na comunicação com as escolas e na realização das atividades, supervisionar o trabalho das escolas e apoiar no que for necessário.

Parceiros - são representantes de instituições públicas e/ou privadas que contribuem para execução e ampliação do programa nacionalmente a sua função é desenhada no momento da parceria de acordo com as necessidades do programa na localidade.

Escola - Acolher o programa e dar condições para que ele possa ser implantado, incluindo liberar os educadores para formações, reservar um horário no contraturno ou na grade curricular para realização das atividades com os alunos.

Instrutor: é um profissional experiente na formação de formadores, conhecedor da realidade e preceitos educacionais. Tem o papel de formar os educadores seguindo a proposta metodológica que é ativa, lúdica e vivencial. Orientar o desenvolvimento das atividades nas escolas e apoiar o educador no esclarecimento de dúvidas, adaptações necessárias e demais questões que possam surgir.

Educador(a) - implantar o programa com a sua turma, colocar em prática os conteúdos aprendidos durante a formação, atuar como um mediador e garantir que o processo de aprendizagem seja centrado no aluno

Aluno(a): participar ativamente das atividades, apoiar na adaptação das atividades para realidade local, construir o conhecimento com a mediação dos educadores(as).



Referências Bibliográficas

ALANA, Instituto. **Criativos da escola**. Disponível em <<https://criativos-daescola.com.br/>> acesso em 23 de jan. 2020

BENDER, Willian N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para século XXI**. Porto Alegre: PENSO, 2014

BODANESE, Fundação Aury Luiz. **Eco cooperação: caderno metodológico**. Chapecó

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2018**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> acesso em 28 de jan. 2020

CARVALHO, C. J. A. **O Ensino e a Aprendizagem das Ciências Naturais através da Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas: um estudo com alunos de 9º ano, centrado no tema Sistema Digestivo**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2009

CONEF. **Educação financeira nas escolas: ensino fundamental: livro do professor**. Brasília: CONEF, 2014

CONFEBRAS. **Caderno do mediador CooperaEduca**. CONFEBRAS

CSIK, Marcia. **2. Educação Empreendedora. 3.Crescendo e Empreendendo**. Brasília: Sebrae, 2016

DELISLE, R. **Como realizar a Aprendizagem Baseada em Problemas**. Porto: ASA, 2000

DELORS, Jacques. **A educação um tesouro a descobrir. Relatório para Unesco da comissão internacional sobre educação para século XXI**, Paris: UNESCO, 1996



ELOS, Instituto. **Jogo Oásis. São Paulo.** Disponível em: <http://www.institutoelos.org/games/games/view/jogo-oasis> acesso em 23 de jan.2020

EVOLUIR. **Projeto ECOA: Apostila de formação de educadores.** São Paulo: Evoluir, 2015

EVOLUIR. **Rede de aprendizagem e inovação em sustentabilidade (RAIS).** Evoluir: São Paulo, 2015

FADEL, Luciane Maria. **Gamificação na educação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia 16ª edição.** Editora Paz e Terra: São Paulo, 1996

HERNANDÉZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho - o conhecimento é um caleidoscópio.** Porto Alegre: ARTMED, 1998

LIMA, Josenilton de Aragão Lima. **Educação Empreendedora e Educação Escolar: Uma Aplicação no Ensino Médio. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Empreendedora.** PUC-RJ. 2017

MELLO, Maria Consuelo. **Como agir de maneira empreendedora?** / Maria Consuelo Mello; Adrienne Marques Brito Rocha (colaboradora). – Brasília : Sebrae, 2018

MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas.** 2013. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. acesso em 23 de jan.2020

NUNES, Maria Denise Crespo. **Aprendiz cooperativo: manual do professor curso auxiliar administrativo.** Brasília : SESCOOP, 2012.



NUNES, Maria Denise Creso. **Programa Cooperativa Mirim: guia do professor orientador**. Maringá: SESCOOP, 2017

PERNAMBUCO, **Secretaria estadual educação. Empreendedorismo nas escolas de referência em Ensino Médio**. 2017

SEBRAE. **Educação empreendedora: crescendo e empreendendo**. Brasília: Sebrae, 2016

SESCOOP. **Guia metodológico programa Cooperjovem**. Brasília: SESCOOP, 2013

SICREDI, Fundação. **Programa União faz a vida: fundamentos teóricos e metodológicos**. Porto Alegre, 2019

ULLER, Carla Uller; MEIRELES, Fábio; SARMENTO, Fernanda; TROTA, Karina; LEONEL, Juliana; SARAIVA, Roan [Organização]. **e-NAVE 2 Guia de Práticas Pedagógicas Inovadoras**. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2019

Sites consultados

<https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>

<https://www.geekie.com.br/blog/gamificacao/>

<https://www.somospar.com.br/como-usar-a-gamificacao-no-processo-pedagogico/>

<https://educacaointegral.org.br/>

<https://porvir.org/10-supostos-da-educacao-integral/>

<http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/pnea.html>

https://www.agrolink.com.br/colunistas/a-forca-do-cooperativismo-no-brasil_411073.html

<https://www.auniaofazavida.com.br/>

<https://www.somoscooperativismo.coop.br/servico/7/cooperjovem>

<https://globalskills.pt/pedagogia-empreendedora/>





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Even3 Publicações, PE, Brasil)

P965 Proposta metodológica: Programa Cooperjovem / Organizado por:
 Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo ;
 Coordenado por: Edlane Resende Batista de Melo. – 1. ed.
 Brasília: Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo,
 2021.
 1 livro digital : il. (Cooperjovem)

ISBN: 978-65-5941-184-9

1. Cooperativismo. 2. Empreendedorismo. 3. Educação Financeira.
4. Educação Ambiental. 5. Competências. 6. BNCC. I. SESCOOP.
II. Título. III. Série

CDD 370.71
CDU 37.04

**Tipografia**

Exo (títulos)

Lato (texto)

Capa

Formato fechado: 215x260mm

Cor: 4/0

Papel: Couchè fosco 300 g/m²

Miolo

Formato fechado: 215x260mm

Cor: 4/4

Papel: Offset 90 laminação bopp fosca g/m²

Acabamento: encadernação com lombada quadrada e capa flexível, laminação bopp fosca